Inverno No Clube: O Método Respiratório

Stephen King

Para Peter e Susan Straub

I

O Clube

Reconheço que me vesti um pouco mais depressa que o normal naquela noite em que nevava e ventava muito. Era 23 de dezembro de 1970, e imagino que outros membros do clube tenham feito o mesmo. Todos sabem como é difícil achar um táxi em Nova Iorque em noites de tempestade, por isso chamei um radio-táxi. Telefonei às 5:30 h, pedindo um carro para as 8:00 - minha mulher ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. As quinze para as oito estava sob a marquise do edifício na Rua 58 Leste, onde Ellen e eu morávamos desde 1946, e quando o táxi já estava atrasado cinco minutos comecei a andar de um lado para o outro impacientemente.

O táxi chegou às 8:10h e entrei no carro, feliz demais por estar protegido do vento para demonstrar minha fúria contra o motorista, que certamente mereceria. Aquele vento, parte de uma frente fria que havia descido do Canadá na véspera, não era brincadeira. Assoviava e gemia nas janelas do carro, por vezes abafando a valsa que tocava no rádio do motorista e sacudindo o grande Checker em suas molas. Muitas lojas estavam abertas, mas nas calçadas só restavam uns poucos fregueses de última hora. As pessoas que estavam do lado de fora não pareciam nada à vontade, ou melhor, suas expressões eram de sofrimento.

O vento e a neve haviam sido intermitentes o dia todo, e agora nevava outra vez, começando com pequenos flocos e depois formando redemoinhos à nossa frente no meio da rua. Ao voltar para casa aquela noite, eu pensaria na associação de neve, de um táxi e da cidade de Nova Iorque com uma apreensão consideravelmente maior... mas obviamente eu ainda não sabia disso.

Na esquina da Segunda Avenida com a Rua 41 um enorme sino de Natal de ouropel pairava como um fantasma.

- Que noite horrível - disse o motorista. - Amanhã vão ter duas dúzias extras no necrotério. Picolés de bêbados. Mais alguns picolés de putas velhas.

- Com certeza.

O motorista pensou por um instante.

- Bons ventos os levem - disse ele, finalmente. - Menos ônus para a previdência social, certo?

- O seu espírito natalino - disse eu, - é formidável.

O motorista refletiu:

- O senhor é um desses liberais com coração de manteiga? perguntou ele, afinal.

- Recuso-me a responder, porque minha resposta poderia me incriminar - disse eu.

O motorista bufou como quem diz "por que eu sempre apanho espertinhos"... mas ficou quieto.

Ele me deixou na esquina da Segunda Avenida com a Rua 35, e andei metade do quarteirão até o clube, encurvado contra o vento que assoviava, segurando com a mão enluvada o chapéu na cabeça. Pouquíssimas vezes a força da vida pareceu ter sido atirada para o fundo do meu corpo, restando uma chama bruxuleante azul do tamanho da chama piloto de um fogão a gás. Aos setenta e três anos o homem sente frio mais rápida e profundamente. Este homem deveria estar em casa em frente à lareira... ou pelo menos em frente a um aquecedor elétrico. Aos setenta e três anos o sangue quente não é nem mesmo uma lembrança; está mais para um registro teórico.

A ventania estava cessando, mas uma neve seca como areia ainda batia no meu rosto. Fiquei satisfeito ao ver que os degraus do prédio n° 249 B haviam sido cobertos de areia - isto era obra de Stevens, é claro, - Stevens conhecia muito bem a alquimia básica da velhice: não a transformação do chumbo em ouro, e sim de ossos em vidro. Quando penso nessas coisas, acredito que Deus provavelmente pense de modo bem semelhante a Groucho Marx.

Lá estava Stevens, segurando a porta aberta, e no instante seguinte eu estava lá dentro. Passei pelo vestíbulo apainelado de mogno, pelas portas duplas parcialmente abertas e presas, e entrei na biblioteca, que era ao mesmo tempo sala de leitura e bar. Era uma sala escura em que brilhavam alguns focos de luz - as luzes de leitura. Uma luz mais intensa e distinta brilhava no soalho de carvalho parquetado, e eu podia ouvir os constantes estalos da madeira na imensa lareira. O calor se propagava por toda a sala - certamente não há nada mais acolhedor do que uma lareira acesa. Ouvi o barulho farfalhante de um jornal sendo dobrado com impaciência. Deveria ser Jahanssen com seu Wall Street Journal. Depois de dez anos era possível constatar sua presença simplesmente pela maneira que lia sobre suas ações. De uma maneira divertida e sossegada.

Stevens ajudou-me a tirar o sobretudo, resmungando da noite horrível que fazia; a WCBS anunciava agora a previsão de muita neve até o amanhecer.

Concordei que era sem dúvida uma noite horrível e olhei para trás outra vez para aquela enorme sala de pé-direito alto. Uma noite horrível, uma lareira exuberante... e uma história de fantasmas. Eu disse que aos setenta e três anos sangue quente era coisa do passado? Talvez. Mas eu senti alguma coisa cálida em meu peito ao pensar em... algo que não fora causado pelo fogo ou pela nobre recepção de Stevens.

Acho que foi porque era a vez de McCarron contar a história.

Eu havia freqüentado o prédio de arenito pardo de número 249 B da Rua 35 durante dez anos - em intervalos que eram quase - mas não absolutamente - regulares. Na minha opinião, trata-se de um "clube de cavalheiros", esta surpreendente antigüidade pré-Gloria Steinem. Mas mesmo agora não tenho certeza se é isso mesmo, ou como veio a ser originalmente.

Na noite em que Emlyn McCarron contou sua história - a história do Método Respiratório - talvez houvesse treze membros ao todo, embora apenas seis de nós tivéssemos saído naquela noite de vento e neve. Lembro de determinados anos em que houvera talvez apenas oito membros assíduos, e outros em que houvera pelo menos vinte, talvez mais.

Imagino que Stevens deva saber como tudo aconteceu - tenho certeza de que Stevens esteve lá desde o início, por mais antigo que aquilo possa ser... e acredito que Stevens seja mais velho do que aparenta. Muito, muito mais-velho. Ele tem um ligeiro sotaque do Brooklin, mas apesar disso é tão irrepreensível e meticuloso quanto um mordomo inglês de terceira geração. Sua circunspecção faz parte de seu freqüente encanto exacerbado, e seu ligeiro sorriso é uma porta trancada e aferrolhada. Jamais vi qualquer arquivo do clube - se é que ele os tem. Jamais recebi um carnê de mensalidades - não há mensalidades. Jamais fui chamado pelo secretário do clube - não há secretário, e no n° 249 B da Rua 35 Leste não há telefones. Não há votação para a admissão de sócios. E o clube - se aquilo é um clube - nunca teve um nome.

A primeira vez que fui ao clube (é assim que vou me referir a ele) foi como convidado de George Waterhouse. Waterhouse chefiava o escritório de advocacia onde eu havia trabalhado desde 1951. Minha ascensão na firma - uma das três maiores de Nova Iorque - fora constante mas extremamente lenta; eu era um burro de carga... mas não tinha aptidão ou talento verdadeiros. Vi homens que haviam começado na mesma época que eu sendo promovidos a passos largos enquanto eu continuava em ritmo lento - e eu encarava isso sem nenhuma surpresa.

Waterhouse e eu havíamos trocado sorrisos e amabilidades, comparecido ao jantar obrigatório que a firma oferecia todos os anos em outubro, e tido umas poucas reuniões até o outono de 196..., quando ele apareceu certo dia na minha sala no início de novembro.

Isto, por si só, era um tanto fora do comum, e me deixou com maus presságios (demissão) contrabalançados por bons pensamentos (uma promoção inesperada). Era uma visita intrigante. Waterhouse encostou-se no alizar da porta, seu emblema do Phi Beta Kappa* reluzindo suavemente em seu colete, e falou sobre generalidades - nada do que ele disse pareceu ser substancial ou importante. Fiquei esperando que ele acabasse com os rodeios e fosse direto ao assunto: "A respeito desse mandado judicial de Casey", ou "Pediram-nos para investigar a nomeação do Salkowitz pelo prefeito..." Mas parecia que não havia processo algum. Ele olhou para o seu relógio, disse que tinha gostado da nossa conversa mas tinha que ir embora.

*Iniciais do lema grego philosophia biou kybernetes, filosofia a diretriz da vida. Sociedade honorária dos estudantes universitários de grande projeção nos EUA, fundada em 1776. (N. da T.)

Eu ainda estava imóvel, perplexo, quando ele se virou e disse espontaneamente:

- Há um lugar onde vou quase toda quinta-feira - uma espécie de clube. Velhos mascates em sua maioria, mas alguns deles são ótimas companhias. Eles têm uma excelente adega, caso você aprecie um bom drinque. Freqüentemente alguém conta uma boa história também. Por que não aparece uma noite dessas, David? É meu convidado.

Gaguejei algo em resposta - até agora não sei bem o que foi. Eu estava perplexo com o convite. Pareceu-me um negócio não premeditado, mas havia premeditação em seus olhos azuis frios sob os tufos brancos de suas sobrancelhas. E se não me lembro exatamente o que respondi, foi porque de repente tive a certeza de que seu convite - vago e enigmático - era exatamente o assunto que eu esperava que ele tocasse diretamente.

A reação de Ellen naquela noite foi de raiva e surpresa. Eu já trabalhava com Waterhouse, Carden Lawton, Frasier e Effingham havia uns quinze anos, e era óbvio que eu não poderia esperar subir muito além de uma posição intermediária que ocupava então; na opinião dela a firma havia arrumado uma substituição à altura de um relógio de ouro.

- Velhos contando histórias de guerra e jogando pôquer disse ela. - Com uma noite dessas eles esperam que você se sinta feliz no escritório até te aposentarem, creio eu... ah, servi um Beck's duplo com gelo para você. - Ela me beijou com carinho. Suponho que tenha visto qualquer coisa no meu rosto - Deus sabe que ela sabe ler bem meus pensamentos depois desses anos todos que passamos juntos.

Não aconteceu nada durante algumas semanas. Quando eu pensava no estranho convite de Waterhouse - certamente estranho, partindo de um sujeito a quem eu via menos de doze vezes por ano, e com quem me encontrava socialmente em apenas três festas por ano talvez, incluindo a festa da firma em outubro - imaginava que tivesse me enganado quanto à expressão de seus olhos, que realmente ele tivesse feito o convite espontaneamente e tivesse se esquecido. Ou se arrependido - ai! E então num fim de tarde ele se aproximou de mim, um homem de quase setenta anos que ainda tinha os ombros largos e uma aparência atlética. Eu estava vestindo o sobretudo e tinha a pasta entre os pés. Ele disse:

- Se você ainda quiser ir ao clube tomar um drinque, venha hoje à noite.

- Eu...

- Ótimo. - Ele colocou um pedaço de papel na minha mão. - Aqui está o endereço.

Ele estava me esperando no pé da escada aquela noite, e Stevens abriu a porta para nós. O vinho era tão bom quanto Waterhouse havia prometido. Ele não fez qualquer menção de me "apresentar ao grupo" - tomei isso como esnobismo, mas depois mudei de opinião - mas dois ou três sujeitos vieram se apresentar a mim. Um deles foi Emlyn McCarron, já então beirando os setenta. Estendeu-me sua mão e cumprimentamo-nos brevemente. Sua pele era seca, áspera, parecia couro; quase como a pele de tartaruga. Perguntou-me se eu jogava bridge. Eu disse que não.

- Que coisa boa - disse ele. - Essa droga de jogo já calou mais conversas inteligentes de depois do jantar do que qualquer outra coisa que posso imaginar. - E com estas palavras retirou-se para a penumbra da biblioteca, onde as estantes de livros pareciam subir até o infinito.

Olhei em volta à procura de Waterhouse, mas ele havia desaparecido. Sentindo-me um pouco desanimado e nada à vontade, dirigi-me para perto da lareira. Esta era enorme, como acredito que já mencionei - parecia particularmente grande em Nova Iorque, onde o morador de um apartamento como eu não consegue imaginar uma lareira que dê para fazer algo mais do que tostar um pão ou fazer pipoca. A lareira no n° 249 B da Rua 35 Leste era grande o bastante para assar um boi inteiro. Não tinha consolo; em lugar disso havia um arco de pedras castanhas. No alto deste arco sobressaía uma pedra mais alta. Estava na altura dos meus olhos, e embora a luz estivesse fraca dava para ler sem maiores problemas o que estava gravado na pedra: O IMPORTANTE É A HISTÓRIA, E NÃO O NARRADOR.

- Aqui está, David - disse Waterhouse ao meu lado, e eu me sobressaltei. Ele não havia me abandonado, afinal de contas; apenas se enfiara em algum lugar desconhecido para pegar uns drinques. - O seu é uísque com soda, não é?

- E. Obrigado, Sr. Waterhouse...

- George - disse ele. - Aqui é apenas George.

- George, então - disse eu, embora parecesse um pouco insensato chamá-lo pelo nome. - O que é que...

- Saúde - disse ele.

Bebemos.

- Stevens é o encarregado do bar. Prepara ótimos drinques. Gosta de dizer que é uma arte menor, porém essencial.

O uísque atenuou minha sensação de desorientação e embaraço (apenas atenuou, pois a sensação permaneceu - eu havia gasto perto de meia hora olhando para o meu armário sem saber o que vestir; finalmente decidi por slacks marrom-escuros e uma jaqueta de tweed que quase combinavam, na esperança de não me meter num grupo de homens vestidos a rigor ou da jeans e camisas xadrez... parecia que eu não me enganara muito quanto a isso afinal). Um lugar e uma situação novos deixam-nos conscientes de todo ato formal, por mais insignificante que seja, e naquele momento, com um drinque na mão e depois do pequeno brinde de praxe, eu queria estar bem certo de que não tinha deixado passar quaisquer prazeres.

- Vocês têm um livro de visitas que eu deva assinar? - perguntei. - Alguma coisa assim?

Ele pareceu um pouco surpreso.

- Não temos nada parecido - disse ele, - Pelo menos, não creio que tenhamos. - Olhou ao redor da sala escura e silenciosa. Johanssen farfalhou seu Wall Street Journal. Vi Stevens passar por uma porta nó fundo da sala, parecendo um fantasma com seu paletó branco. George pôs seu copo numa mesinha e jogou um pedaço de madeira fresca no fogo. Fagulhas serpearam para dentro da garganta da chaminé.

- O que quer dizer isso? - perguntei, apontando para a inscrição gravada na pedra. - Tem alguma idéia?

Waterhouse leu com atenção, como se fosse a primeira vez. O IMPORTANTE É A HISTÓRIA, E NÃO O NARRADOR.

- Acho que tenho uma idéia - disse ele. - Você poderá ter também, se voltar aqui outra vez. É, devo dizer que você poderá ter uma ou duas idéias. Mais cedo ou mais tarde. Divirta-se, David.

Ele se afastou. E, embora possa parecer estranho, tendo que me virar sozinho em circunstâncias pouco comuns, foi realmente agradável. Eu sempre gostei de livros, e havia uma coleção interessante a ser examinada. Andei devagar ao longo das estantes, tentando ler as lombadas naquela luz fraca, retirando um ou outro aqui e ali, e parei para olhar de uma janela estreita a esquina da Segunda Avenida. Fiquei ali olhando pelo vidro emoldurado de gelo o sinal da esquina mudar de vermelho para verde, para amarelo e para vermelho novamente, e de repente senti uma estranha - mas muito agradável - sensação de paz dentro de mim. Ela não me invadiu, e sim entrou furtivamente. É, ouço vocês dizerem, faz sentido; ficar observando um sinal abrir e fechar faz qualquer um sentir paz interior.

Está bem; não fez sentido algum. Posso garantir. Mas havia a sensação, de qualquer maneira. Isso me fez lembrar, pela primeira vez depois de anos, das noites de inverno na fazenda de Winsconsin onde cresci: deitado na cama num quarto frio no andar de cima observando o contraste entre o vento sibilante de janeiro do lado de fora, a neve caindo seca como areia ao longo de quilômetros de cercas já cobertas de neve e o calor que meu corpo produzia sob as duas colchas.

Havia alguns livros de direito, mas eram estranhíssimos: Vinte casos de mutilação e suas conseqüências de acordo com a lei inglesa é um dos títulos de que me lembro. Processos envolvendo animais domésticos é outro. Abri este último, e realmente era um livro jurídico (da lei americana, desta vez) que descrevia litígios envolvendo animais domésticos - desde gatos de estimação que haviam herdado grandes somas de dinheiro até uma jaguatirica que arrebentara sua corrente e ferira gravemente um carteiro.

Havia uma coleção de Dickens, outra de Defoe, e outra enorme de Trollope; e havia também uma coleção de romances - onze ao todo - escritos por um sujeito chamado Edward Gray Seville. A encadernação era em couro verde, e o nome da editora, gravada a ouro na lombada, era Stedham & Son. Eu nunca tinha ouvido falar de Seville ou de seus editores. A data do copirraite do primeiro volume - Estes eram os nossos irmãos - era 1911. A data do último, Inflatores, era 1935.

Duas prateleiras abaixo da coleção dos romances de Seville havia um grande volume in-

fólio com planos cuidadosamente detalhados para entusiastas de "construa você mesmo". Ao lado havia outro in-fólio que reproduzia cenas famosas de filmes clássicos. Cada fotografia ocupava uma página inteira e ao lado, na página oposta, havia poemas de versos livres sobre as cenas ou inspirados nelas. Não era uma idéia extraordinária, mas os poetas representados eram excepcionais - Robert Frost, Marianne Moore, William Carlos Williams, Wallace Stevens, Louis Zukofski e Erica Jong, para citar apenas alguns. Lá pela metade do livro encontrei um poema de Algernon Williams ao lado daquela famosa fotografia de Marilyn Monroe de pé sobre as grades de ventilação do metrô tentando abaixar a saia. O título do poema era "O soar do sino" e começava assim:

O formato da saia
- diríamos assim -
é o formato de um sino
As pernas são o badalo -

E por aí vai. Não que fosse um poema horroroso, mas certamente não era um dos melhores de Williams e nem estava perto disso. Senti que podia sustentar esta opinião porque já havia lido muita coisa de Algernon Williams ao longo da vida. Mas não conseguia me lembrar deste poema sobre Marilyn Monroe (explico: o poema deixava isso claro mesmo sem a fotografia - no final Williams escreve: Minhas pernas badalam meu nome: Marilyn, ma belle). Estive procurando este poema desde então, mas não consegui encontrá-lo... o que não quer dizer nada, é claro. Poemas não são como romances ou pareceres legais; estão mais para folhas ao vento, e qualquer livro intitulado As obras completas de Fulano de Tal é certamente um embuste. Os poemas acabam perdidos debaixo de sofás - e este é um de seus encantos, e uma das razões por que duram. Mas...

Certa hora Stevens se aproximou com o segundo copo de uísque (eu estava então acomodado numa cadeira com um livro de Ezra Pound). Estava tão bom quanto o primeiro. Enquanto eu bebericava, vi dois dos presentes, George Gregson e Harry Stein (Harry estava morto havia seis anos na noite em que Emlyn McCarron contou-nos a história do Método Respiratório), deixarem a sala por uma curiosa porta que não poderia ter mais de um metro de altura. Parecia a porta da toca do coelho em Alice no país das maravilhas, se é que houve tal porta. Deixaram-na aberta, e lago depois de sua estranha saída da biblioteca ouvi o barulho abafado de bolas de bilhar.

Stevens passou por mim e perguntou se eu queria tomar mais um uísque. Recusei com grande lástima. Ele balançou a cabeça.

- Como quiser, senhor.

Não mudou de expressão, mas mesmo assim tive uma vaga sensação de que isto o tinha agradado de algum modo.

Sobressaltei-me com risos algum tempo depois. Alguém havia jogado um pacotinho de pó químico na lareira que deixou o fogo momentaneamente colorido. Lembrei-me da minha infância outra vez... mas não de modo melancólico, sentimental, romântico-nostálgico. Sinto uma grande necessidade de deixar isso bem claro, Deus sabe por quê.

Lembrei-me de quando fazia exatamente isso quando era guri, mas era uma lembrança clara, agradável, sem saudades.

Vi que a maioria dos outros homens havia arrumado cadeiras em semicírculo em volta da lareira. Stevens tinha trazido uma travessa cheia de salsichas quentes esplêndidas. Harry Stein voltou pela portinhola, e apresentou-se rápida mas dedicadamente a mim. Gregson ficou na sala de bilhar - praticando tacadas, pelo barulho.

Após um momento de hesitação, juntei-me aos outros. Contaram uma história - nada agradável. Foi Norman Stett quem a contou, e embora não seja meu propósito recontá-la, talvez vocês entendam o que quero dizer sobre sua qualidade se lhes disser que era sobre um homem que morreu afogado numa cabine telefônica.

Quando Stett - que também já morreu - terminou, alguém disse:

- Você devia ter guardado essa para o Natal, Norman.

Houve risos, e eu obviamente não entendi por quê. Pelo menos, não naquela hora.

Depois disso Waterhouse começou a falar, e em mil anos eu jamais sonharia com Waterhouse falando daquele jeito. Um homem formado em Yale, Phi Beta Kappa, cabelos grisalhos, de terno, chefe de um grande escritório de advocacia que era mais uma empresa - este Waterhouse contou uma história sobre uma professora que ficara presa numa privada. A privada ficava atrás da escola de sala única em que ela lecionava, e no dia em que ela ficou presa num dos dois buracos da privada aconteceu também de ser o dia em que a privada seria levada embora para a exposição "Como era a vida na Nova Inglaterra" no Prudential Center em Boston, como uma contribuição do condado de Anniston. A professora não dera um pio enquanto a privada estava sendo colocada e presa na caçamba de um caminhão; ela estava paralisada de vergonha e pavor, disse Waterhouse. E quando a porta da privada foi levada pelo vento da Rodovia 128 em Somerville na hora do rush...

Mas botemos uma pedra sobre isso, e sobre quaisquer outras histórias que se seguiram; não são minhas histórias esta noite. Numa certa hora, Stevens trouxe uma garrafa de conhaque que estava mais do que simplesmente gostoso; seu gosto era extremamente delicado. A garrafa foi passada de mão em mão e Johanssen ergueu um brinde - o brinde, pode-se dizer assim: o importante é a história, e não o narrador.

Brindamos a isso.

Pouco tempo depois os homens começaram a ir embora. Não era tarde; não era meia-noite ainda; mas eu já havia reparado que quando os cinqüenta vão dando lugar aos sessenta, tarde da noite começa a chegar cada vez mais cedo. Vi Waterhouse vestir o sobretudo que Stevens segurava para ele e julguei que deveria fazer o mesmo. Achei estranho que Waterhouse fosse embora sem dirigir mais do que uma palavra a mim (o que na verdade parecia que ele estava fazendo; se eu demorasse mais uns quarenta segundos para colocar o livro de Pound na prateleira, ele já teria ido embora, mas menos estranho que a maior parte dos acontecimentos daquela noite.

Saí logo atrás dele, e Waterhouse olhou em volta como se estivesse surpreso em me ver - e quase como se ele tivesse sido despertado subitamente de um cochilo.

- Vamos dividir um táxi? - perguntou, como se tivéssemos nos encontrado por acaso nessa rua deserta e varrida pelo vento.

- Obrigado - disse eu. Agradeci por muito mais coisas além do seu oferecimento para dividir o táxi, e acredito que pelo meu tom de voz isso tenha ficado óbvio, mas ele balançou a cabeça como se aquilo fosse só o que eu queria dizer. Bem devagar vinha passando um táxi, com a luz que indica estar vazio acesa - sujeitos como George Waterhouse parecem ter sorte para encontrar táxis mesmo em noites nova-iorquinas de frio e nevasca quando você juraria ser impossível achar um em toda a ilha de Manhattan - e ele fez sinal.

Lá dentro, seguro e aquecido, o taxímetro registrando nosso percurso em cliques ritmados, eu disse a ele o quanto tinha apreciado sua história. Não me lembrava de ter rido tanto ou tão espontaneamente desde os meus dezoito anos, disse a ele, o que não era bajulação mas apenas a pura verdade.

- É? Muito gentil da sua parte.

Gentil e frio, seu tom de voz. Afundei-me no banco, sentindo o sangue me corar a face. Nem sempre é necessário ouvir um estrondo para saber que a porta foi fechada.

Quando o táxi encostou no meio-fio em frente ao meu prédio, agradeci novamente, e desta vez ele se mostrou um pouquinho mais receptivo:

- Foi bom você ter ido lá - disse ele. - Vá outra vez, se quiser. Não espere por um convite; não somos muito cerimoniosos no clube. As quintas-feiras é melhor para se ouvir histórias, mas o clube está aberto todas as noites.

Então posso me considerar sócio?

Esta pergunta estava na ponta da minha língua. Tinha intenção de fazê-la; parecia necessário fazê-la. Eu estava apenas matutando, repetindo-a na minha cabeça (no meu jeito maçante de advogado) para ver se a linguagem estava correta - talvez estivesse um pouco empolgado demais - quando Waterhouse disse ao motorista para seguir. No mesmo instante o táxi já ia em direção à Park Avenue. Fiquei parado na calçada por alguns segundos, o sobretudo me dando lambadas nas pernas, pensando: Ele sabia que eu ia fazer aquela pergunta - ele sabia, e intencionalmente mandou o motorista seguir antes que eu pudesse fazê-la. Então disse a mim mesmo que isso era totalmente absurdo - paranóico até. E era. Mas também era verdade. Eu podia zombar de tudo, mas a zombaria não modificou aquela certeza absoluta.

Caminhei devagar para a portaria e entrei.

Ellen estava sessenta por cento dormindo quando me sentei na cama para tirar os sapatos. Ela virou-se e emitiu um som gutural interrogativo. Eu disse a ela que voltasse a dormir.

Ela emitiu aquele som outra vez. Agora mais inteligível.

- Como foi?

Por um momento hesitei, a camisa desabotoada pela metade. E pensei num lampejo de lucidez absoluta: Se contar a ela, jamais verei o outro lado daquela porta outra vez.

- Tudo bem - disse eu. - Velhos contando histórias de guerra.

- Bem que eu disse.

- Mas não foi ruim. Talvez eu volte lá. Pode ser bom para mim com relação ao escritório.

- O escritório - disse ela, num leve tom de troça. - Que velho ganancioso que você é, meu amor.

- É preciso que seja um tipo desses para reconhecê-lo - disse eu, mas ela já havia dormido outra vez. Tirei a roupa, tomei banho, enxuguei-me, vesti o pijama... e então, ao invés de ir para a cama (era pouco mais de uma hora), vesti o robe e tomei outra garrafa de Beck's. Fiquei sentado à mesa da cozinha bebendo devagar, olhando pela janela os paredões gelados da Madison Avenue, pensando. Minha cabeça zumbia um pouco devido ao álcool - inesperadamente uma grande quantidade para mim. Mas a sensação não era absolutamente desagradável, e não sentia a iminência de uma ressaca.

O que passou pela minha cabeça quando Ellen me perguntou sobre a noitada foi tão ridículo quanto o que pensei sobre George Waterhouse depois que o táxi foi embora - o que poderia haver de errado em falar à minha mulher sobre uma noitada absolutamente inocente no clube entediante do meu chefe... e mesmo se houvesse algo de errado em contar para ela, quem saberia disso? Não, era tão ridículo e paranóico quanto as cismas anteriores... e, sabia lá no fundo do meu coração, era a mais pura verdade.

Encontrei George Waterhouse no dia seguinte no vestíbulo entre a contadoria e a biblioteca. Encontrei-o? Melhor dizer, passei por ele. Cumprimentou-me com a cabeça e seguiu sem dizer palavra... como já fazia havia quatro anos.

Tive dor de estômago o dia inteiro. Isto foi a única coisa a me convencer de que a minha noitada tinha sido real.

Três semanas se passaram. Quatro... cinco. Não recebi outro convite de Waterhouse. De alguma maneira eu não tinha sido conveniente; não me encaixara. Ou pelo menos foi o que disse a mim mesmo. Fiquei desanimado e decepcionado. Imaginei que esse sentimento fosse perdendo aos poucos sua pungência, como acontece mais cedo ou mais tarde com qualquer decepção. Mas eu pensava naquela noite em seus momentos mais curiosos - os focos isolados de luz da biblioteca, tão suave e tranqüila e de algum modo civilizada; a história absurda e hilariante de Waterhouse sobre a professora presa na privada; o aroma agradável de couro nos corredores estreitos entre as estantes. Acima de tudo fiquei me lembrando da janela estreita em que fiquei a observar os cristais de gelo

mudarem de verde para amarelo e para vermelho. Pensei na sensação de paz que havia sentido.

Durante aquele período de cinco semanas fui à biblioteca e examinei quatro livros de poesias de Algernon Williams (eu tinha outros três, e já os tinha examinado); um deles tinha a pretensão de ser suas obras completas. Reconheci alguns dos velhos favoritos, mas não encontrei nenhum poema intitulado "O soar do sino" em nenhum dos livros.

Nesta mesma ida à Biblioteca Pública de Nova Iorque, procurei no arquivo de fichas livros de ficção de um sujeito chamado Edward Gray Seville. O máximo que encontrei foi um livro de suspende escrito por uma tal de Ruth Seville.

Vá outra vez, se quiser. Não espere por um convite.

Mesmo assim eu estava esperando por um convite, é claro; minha mãe me ensinara há muitos anos atrás para não acreditar piamente quando as pessoas disserem animadas "apareça uma hora dessas" ou "a porta está sempre aberta". Eu não achava que precisasse de um cartão impresso, levado à minha casa por um criado de libré com uma bandeja dourada nas mãos, não quis dizer isso, mas eu queria alguma coisa, mesmo que fosse um comentário casual:

- Apareça uma noite dessas, David. Espero que você não tenha se aborrecido lá.

Esse tipo de coisa.

Mas quando nem isso aconteceu, comecei a pensar mais seriamente em voltar assim mesmo - afinal de contas, às vezes as pessoas querem mesmo que você apareça a qualquer hora; julguei que, em determinados lugares, a porta sempre estava aberta; e que as mães nem sempre têm razão .

... Não espere por um convite...

Em todo caso, foi assim que no dia 10 de dezembro daquele mesmo ano, me vi vestindo meu casaco tosco de tweed e a calça marrom-escura outra vez e procurando pela minha gravata vermelho-escura. Percebia mais as batidas do meu coração do que de costume naquela noite, lembro-me disso.

- Então finalmente George Waterhouse quebrou o gelo e chamou você de volta? - perguntou Ellen. - De volta para o chiqueiro com aos outros porcos chauvinistas?

- Isso mesmo - disse eu, pensando que deveria ser a primeira vez em pelo menos doze anos que mentia para ela... e então me lembrei que, depois do primeiro encontro, eu havia respondido à sua pergunta sobre como tinha sido como uma mentira. Velhos contando histórias de guerra, eu dissera.

- É, talvez haja mesmo uma promoção ligada a isso - disse ela... embora sem muita esperança. Mas também sem muito rancor, verdade seja dita.

- Coisas mais estranhas têm acontecido - disse eu, e dei-lhe um beijo de despedida.

- Oink, oink - fez ela, quando eu saía pela porta.

A viagem de táxi aquela noite pareceu bem longa. Fazia frio, o ar estava parado e o céu estrelado. O táxi era um Checker e me senti muito pequeno dentro dele, como uma criança vendo a cidade pela primeira vez. Era entusiasmo o que eu estava sentindo quando o táxi parou em frente ao prédio de arenito pardo - algo tão simples e ao mesmo tempo tão complexo quanto isso. Mas tal entusiasmo parece ser uma das boas coisas da vida que nos escapam quase imperceptivelmente, e a redescoberta quando se fica mais velho é sempre uma surpresa, como encontrar um ou dois cabelos pretos no pente anos depois de ter visto isso pela última vez.

Paguei ao motorista, saltei e me dirigi aos degraus da porta. Enquanto subia, meu entusiasmo transformou-se em mera apreensão (uma sensação a que as pessoas idosas estão muito mais acostumadas). O que é que eu estava fazendo ali?

A porta era de carvalho maciço com almofadas, e aos meus olhos parecia tão sólida quanto a porta de acesso a um castelo. Não havia compainha, aldrava ou câmera de circuito interno de TV colocada discretamente num canto escuro do beiral, e, é claro, Waterhouse não estava na porta para me fazer entrar. Parei ao pé da escada e olhei ao redor. A Rua 35 Leste de repente pareceu mais escura, mais fria, mais ameaçadora. Os prédios de arenito pardo estavam com uma aparência um tanto enigmática, como que escondendo mistérios que por bem não deveriam ser investigados. Suas janelas lembravam olhos.

Em algum lugar, por trás de uma dessas janelas, pode haver um homem ou uma mulher planejando um assassinato, pensei. Senti um arrepio na espinha. Planejando... ou cometendo um assassinato.

E então, de repente, a porta se abriu e Stevens apareceu.

Senti um enorme alívio. Não tenho a imaginação excessivamente fértil, acho - pelo menos não em circunstâncias normais - mas esta última idéia que me ocorreu encerrava uma lúgubre clarividência profética. Se eu não tivesse olhado para os olhos de Stevens, teria começado a balbuciar coisas sem nexo. Os olhos dele não me reconheceram. Seus olhos não me reconheceram em absoluto.

Então tive outra lúgubre clarividência profética; antevi o restante da minha noitada em todos os detalhes. Três horas num bar sossegado. Três uísques (talvez quatro) para ofuscar o constrangimento de ter feito a asneira de ir onde não era benquisto. A humilhação que o conselho de minha mãe pretendia evitar - a humilhação que sentimos quando nos excedemos.

Antevi-me indo para casa um pouco alto, mas me sentindo não muito bem. Vi-me sentado dentro do táxi sem experimentar aquela sensação infantil de entusiasmo e expectativa. Ouvi-me dizendo a Ellen: Fica repetitivo depois de algum tempo... Waterhouse contou a mesma história sobre ter ganho a concorrência para o fornecimento de carne de primeira para o Terceiro Batalhão num jogo de pôquer... e eles jogam cartas a um dólar o ponto, você acredita?... Eu, voltar lá?... Talvez, mas

duvido. E isso seria tudo. A não ser, creio, a minha própria humilhação.

Antevi tudo isso olhando para os olhos inexpressivos de Stevens. Então seus olhos tomaram expressão. Ele sorriu de leve e disse:

- Sr. Adley! Entre. Deixe-me guardar seu casaco.

Subi os degraus e Stevens fechou com firmeza a porta depois que entrei. Como uma porta pode parecer diferente quando se está protegido do lado de dentro! Ele pegou meu casaco e desapareceu. Fiquei parado no vestíbulo por alguns instantes, olhando meu reflexo no tremó, um homem de sessenta e três anos cujo rosto estava rapidamente se tornando emaciado demais para parecer um homem de meia-idade. Mas mesmo assim a imagem me agradou.

Passei para a biblioteca sem ser notado.

Johanssen estava lá, lendo seu Wall Street Journal. Sob outro foco de luz, Emlym McCarron estava debruçado sobre um tabuleiro de xadrez de frente para Peter Andrews. McCarron tinha, e ainda tem, um ar cadavérico, o nariz afilado como uma lâmina; Andrews era enorme, ombros caídos e irascível. Uma farta barba avermelhada se espalhava sobre seu colete. Frente a frente sobre um tabuleiro com peças esculpidas em marfim e ébano, pareciam totens indígenas: a águia e o urso.

Waterhouse estava lá, concentrado sobre o Times do dia. Ele olhou por sobre o jornal, cumprimentou-me com a cabeça sem demonstrar surpresa, e desapareceu atrás do jornal outra vez.

Stevens me trouxe um uísque, sem que eu tivesse pedido.

Enfiei-me por entre as estantes e encontrei novamente aquela coleção enigmática e atraente de livros. Comecei a ler as obras de Edward Gray Seville naquela noite. Comecei do início, com Estes eram os nossos irmãos. Desde então já li todos eles, e acredito que sejam onze dentre os melhores romances deste século.

Quase no final da noite uma história foi contada - apenas uma- e Steven serviu conhaque. Quando a história acabou, as pessoas começaram a se levantar para ir embora. Stevens estava no vão da porta dupla que dava para o vestíbulo. Numa voz baixa e agradável, porém firme, ele disse:

- Qual dos senhores irá contar a história no Natal?

As pessoas pararam o que estavam fazendo e olharam ao redor. Ouviu-se um burburinho alegre e uma gargalhada.

Stevens, sorrindo porém sério, bateu palmas duas vezes como uma professora primária tentando pôr ordem na sala.

- Vamos, cavalheiros: quem vai contar a história?

Peter Andrews, o dos ombros caídos e da barba avermelhada, pigarreou:

- Eu tenho pensado sobre um negócio. Não sei se é assim mesmo; isto é, se...

- Está ótimo - interrompeu Stevens, e houve mais risos. Bateram nas costas de Andrews com camaradagem. Correntes de ar invadiam o vestíbulo quando a porta era aberta para os homens saírem.

Stevens estava lá, como que por encanto, segurando o casaco para mim.

- Boa noite, Sr. Adley. É sempre um prazer tê-lo aqui.

- Vocês se reúnem na noite de Natal? - perguntei, enquanto abotoava o casaco. Eu estava um pouco desapontado de perder a história de Andrews, mas já havíamos combinado ir para Schenectady passar o feriado com a irmã de Ellen.

Stevens tentou parecer chocado e surpreso ao mesmo tempo.

- De jeito nenhum - disse ele. - Os homens devem passar a noite de Natal junto a suas famílias. Pelo menos a noite de Natal. O senhor não concorda?

- É claro que sim.

- Sempre nos reunimos na quinta-feira antes do Natal. Para falar a verdade, é a única noite do ano em que quase sempre há uma grande afluência.

Reparei que ele não usou a palavra membros - por acaso? ou mera omissão?

- Muitas histórias já foram contadas no salão principal, Sr. Adley, histórias de todos os tipos, de cômicas a trágicas, de irônicas a românticas. Mas na quinta-feira antes do Natal é sempre uma história sobrenatural. Sempre foi assim, pelo menos desde que me lembro.

Isso pelo menos esclarecia o comentário que eu tinha ouvido da primeira vez que estive lá, quando alguém disse a Norman Stett que ele deveria ter guardado sua história para o Natal. Outras perguntas passaram pela minha cabeça, mas percebi uma advertência nos olhos de Stevens. Não era uma advertência de que ele não responderia a minhas perguntas; era, isto sim, um aviso para que eu sequer fizesse perguntas.

- Mais alguma coisa, Sr. Adley?

Estávamos sozinhos no vestíbulo. Todos os outros já haviam ido embora. E de repente o vestíbulo me pareceu mais escuro, o rosto comprido de Stevens mais pálido, seus lábios mais vermelhos. Houve um estalo de madeira na lareira e a luz vermelha do fogo fez brilhar por um instante o chão encerado. Pensei ter ouvido, em alguma das salas ainda desconhecidas, um baque surdo. Não gostei nem um pouco do barulho. Nem um pouco.

- Não - disse eu, com uma voz nada firme. - Acho que não.

- Então, boa noite - disse Stevens, e eu saí. Ouvi a porta pesada se fechar atrás de mim. Ouvi o barulho do trinco. Então saí andando em direção às luzes da Terceira Avenida, sem olhar para trás, de alguma forma com medo de olhar para trás, como se fosse ver um demônio apavorante seguindo meus passos, ou vislumbrar alguma coisa que não fosse para ser vista. Cheguei na esquina, vi um táxi vazio e fiz sinal.

- Mais histórias de guerra? - perguntou Ellen naquela noite. Ela estava na cama com Philip Marlowe, o único amante que ela já teve.

- Uma ou duas histórias de guerra - disse eu, pendurando meu sobretudo. - Fiquei sentado lendo um livro a maior parte do tempo.

- Quando você não estava fazendo "oink".

- É, tem razão. Quando eu não estava fazendo "oink".

- Escute isso: "A primeira vez que vi Terry Lennox ele estava bêbado num Rolls-Royce prateado no pátio do The Dancers" Ellen leu. - 'Seu rosto era jovem, mas seus cabelos eram brancos como nuvens. Pelo olhar se via que estava completamente bêbado, mas fora isso parecia com qualquer rapaz bonito de smoking que gastara dinheiro demais numa espelunca que existe unicamente para este fim." Lindo, não é? É...

- O longo adeus - disse eu, tirando os sapatos. - Você lê essa passagem para mim a cada três anos. Faz parte do seu ciclo de vida.

Ela -, fez uma careta para mim.

- "Oink-oink".

- Obrigado - eu disse.

Ela voltou sua atenção para o livro. Fui até a cozinha pegar uma garrafa de Beck's. Quando voltei ela havia deixado O longo adeus aberto sobre a colcha e olhava atentamente para mim.

- David, você vai entrar para esse clube?

- Talvez... se me convidarem. - Senti-me pouco à vontade. Talvez lhe tivesse contado outra mentira. Se houvesse associados no n° 249 B da Rua 35 eu já era um deles.

- Fico feliz com isso - disse ela. - Você precisava de um negócio desses há muito tempo. Não acredito que você tenha consciência disso mas é verdade. Eu tenho o Comitê de Amparo, a Comissão de Direitos da Mulher e a Sociedade Teatral. Mas você precisava de alguma coisa. Pessoas que fizessem companhia na velhice, eu acho.

Sentei-me ao lado dela na cama e peguei O longo adeus. Era uma edição de brochura novinha em folha. Eu lembrava de ter comprado a edição original encadernada de presente de aniversário para ela, em 1953.

- Estamos velhos? - perguntei a ela.

- Desconfio que sim - disse ela, e sorriu com os olhos brilhando para mim.

Deixei o livro de lado e toquei seu seio.

- Velhos demais para isso?

Ela puxou o lençol e cobriu-se com decoro feminino... e então, dando uma risadinha, chutou-o ao chão.

- Vai me bater, papai? - disse Ellen.

- "Oink-oink" - fiz, e começamos a rir.

E chegou a quinta-feira antes do Natal. Era uma noite igual às outras, com exceção de dois detalhes que observei: havia mais pessoas lá, talvez umas dezoito; e havia uma intensa agitação indefinível no ar. Johanssen deu apenas uma rápida olhada em seu Wall Street Journal e juntou-se a McCarron, Hugh Beagleman e a mim. Sentamo-nos perto das janelas, falando disso e daquilo, e finalmente caímos numa conversa apaixonante - e muitas vezes engraçada - sobre automóveis anteriores à guerra.

Havia, lembrei-me agora, um terceiro detalhe diferente: Stevens tinha preparado uma deliciosa gemada de rum. O gosto era suave, mas também picante de rum e temperos. Estava na extraordinária poncheira Waterford que parecia uma escultura de gelo, e a zoada animada das conversas aumentava ainda mais à medida que a batida ia acabando.

Olhei para a portinhola que dava para a sala de bilhar e fiquei pasmo ao ver Waterhouse e Norman Stett batendo figurinhas de beisebol sobre um autêntico chapéu de pele de castor. Davam gargalhadas homéricas.

Grupos se formavam e se desmanchavam. Foi ficando tarde... e então, à hora que geralmente as pessoas começam a ir embora, vi Peter Andrews sentado à frente da lareira com um pacotinho do tamanho de um envelope de sementes numa das mãos. Jogou-o no fogo sem abri-lo, e no instante seguinte o fogo ficou com as cores do arco-íris - e outras, eu juraria, que não existem no arco-íris para depois voltar para o amarelo. Arrastaram-se cadeiras pela sala.

Por sobre o ombro de Andrews eu podia ver a pedra com a prédica gravada: O IMPORTANTE É A HISTÓRIA, E NÃO O NARRADOR.

Stevens passou discretamente por entre as pessoas recolhendo os copos de batida e servindo pequenas doses de conhaque. Ouvi pessoas murmurarem "Feliz Natal" e "Próspero Ano-Novo, Stevens", e pela primeira vez, vi dinheiro trocar de mãos - uma nota de dez dólares foi oferecida aqui, uma nota que pareceu ser de cinqüenta ali, outra que vi claramente tratar-se de uma de cem de outra cadeira acolá.

- Obrigado, Sr. McCarron... Sr. Johanssen... Sr. Beagleman... - Um sussurro cortês.

Eu já morava em New York tempo bastante para saber que a época de Natal é um verdadeiro carnaval de gorjetas; um tanto para o açougueiro, o padeiro, o tintureiro - sem falar no porteiro, no contínuo, na faxineira que vem às terças e sextas. Jamais conheci alguém do mesmo nível que eu que não considerasse isso apenas como um mal necessário... mas naquela noite não senti qualquer má vontade. O dinheiro era dado de bom grado, até com avidez... e de repente, sem razão nenhuma (era assim que as lembranças pareciam vir quando se estava no clube), lembrei-me do menino perguntando a Scrooge numa manhã calma e fria de Natal em Londres: "O quê? O ganso que é do meu tamanho?" E Scrooge, quase louco de felicidade, dando risadas: "Um bom menino! Um excelente menino!"

Tirei minha carteira do bolso. Atrás da fotografia de Ellen há sempre uma nota de cinqüenta dólares para alguma emergência. Quando Stevens me entregou o conhaque, coloquei a nota em sua mão sem nenhum remorso... embora eu não fosse um homem rico.

- Feliz Natal, Stevens- disse eu.

- Obrigado, e para o senhor também.

Ele acabou de distribuir as taças de conhaque e de receber seus honorários e retirou-se. Olhei ao meu redor certa hora, no meio da história de Peter Andrews, e o vi de pé ao lado da porta dupla, um vulto indistinto, imóvel e quieto.

- Sou um advogado agora, como a maioria de vocês - disse Andrews, depois de ter dado um gole, limpado a garganta e dado outro gole. - Tive escritório na Park Avenue nos últimos vinte e dois anos. Mas antes disso eu era um assessor jurídico num escritório de advocacia que fazia trabalhos em Washington, D.C. Certa noite de julho me pediram para ficar até mais tarde a fim de pôr em ordem as intimações de um processo que não tem nada a ver com esta história. Mas então um sujeito entrou na sala - um sujeito que era naquela época um dos senadores mais conhecidos e que mais tarde quase foi presidente. Sua camisa estava toda manchada de sangue e seus olhos arregalados quase caindo das órbitas.

- Preciso falar com Joe - disse ele. Joe era Joseph Woods, o chefe do escritório, um dos advogados mais influentes do setor privado em Washington, e amigo íntimo desse senador.

- Ele já foi para casa há algumas horas - eu disse. Eu estava assustadíssimo, vocês imaginem - parecia que ele tinha acabado de sofrer um terrível acidente de carro, ou talvez tivesse se metido numa briga de faca. E olhar para o seu rosto - que eu já tinha visto em fotografias de jornais e no programa Encontro coma Imprensa - manchado de sangue, um lado do rosto se contraindo espasmodicamente e um olhar desvairado... tudo isso aumentou o meu terror.

- Posso telefonar para ele se o senhor... - Eu já estava tateando a mesa à cata do telefone, aflito para passar aquela inesperada responsabilidade a outra pessoa. Atrás dele pude ver as pegadas de sangue que ele havia deixado no tapete.

- Preciso falar com Joe agora - repetiu ele, como se não tivesse ouvido eu falar. - Tem uma coisa na mala do meu carro... uma coisa que eu encontrei na Praça Virgínia. Atirei nela e dei facadas, mas não consegui matá-la. Não é humana, e eu não consigo matá-la.

Ele deu uma risadinha nervosa... e então começou a rir... e depois a gritar. Ele ainda estava gritando quando finalmente consegui falar com o Sr. Woods e dizer-lhe que viesse, pelo amor de Deus, o mais depressa possível...

Não tenho intenção de contar a história de Peter Andrews. Para ser franco, não tenho certeza se teria coragem de contá-la. Basta dizer que era uma história tão aterrorizante que sonhei durante semanas com ela, e um dia Ellen olhou para mim à mesa do café e perguntou por que eu tinha gritado: "A cabeça dele! A cabeça ainda está falando debaixo da terra!" no meio da noite.

- Deve ter sido um pesadelo - disse eu, - daqueles que a gente não consegue se lembrar depois.

Mas meus olhos baixaram imediatamente para minha xícara de café, e acho que Ellen percebeu a mentira daquela vez.

Num dia de agosto do ano seguinte, eu estava na biblioteca trabalhando quando murmuraram no meu ouvido. Era George Waterhouse. Perguntou se eu poderia subir até a sua sala. Quando cheguei lá, vi que Robert Carden também estava presente, assim como Henry Effingham. Por um momento tive certeza de que seria acusado de algum ato terrível de estupidez ou inépcia.

Então Carden chegou perto de mim e disse:

- George acha que já é tempo de você se tornar um sócio minoritário da nossa firma, David. Nós concordamos com ele.

- Vai ser um pouco como ser o membro mais novo da câmara de comércio - disse Effingham com um sorriso, - mas é uma experiência por que você vai ter que passar, David. Mas com um pouco de sorte, faremos de você um sócio de igual hierarquia por volta do Natal.

Não tive pesadelos aquela noite. Ellen e eu fomos jantar fora, bebemos bastante, fomos a um clube de jazz onde não íamos havia quase seis anos, e assistimos àquele maravilhoso negro de olhos azuis, Dexter Gordon, tocar seu sax até quase duas horas da manhã. Acordamos no dia seguinte com o estômago embrulhado e com dor de cabeça, ainda incapazes de acreditar totalmente no que tinha acontecido. Uma das coisas era que meu salário tivera um aumento de oito mil dólares anuais depois de termos perdido há muito tempo as esperanças de um aumento vertiginoso de renda.

Naquele outono a firma me mandou para Copenhague por seis semanas, e quando voltei soube que John Hanrahan, um dos freqüentadores assíduos do clube, havia morrido de câncer. Fez-se uma coleta de dinheiro para sua esposa, que fora deixada em circunstâncias difíceis. Fui solicitado a somar o montante- que era todo em dinheiro - e

a trocar por um cheque de administração. O total foi de mais de dez mil dólares. Entreguei o cheque a Stevens e presumo que ele o tenha enviado.

O fato é que Arlene Hanrahan fazia parte da Sociedade Teatral de Ellen, e Ellen veio me contar algum tempo depois que Arlene havia recebido um cheque anônimo de dez mil e quatrocentos dólares. No canhoto do cheque havia uma mensagem breve e nada esclarecedora: Dos amigos de seu saudoso marido John.

- Não é a coisa mais espantosa que você já viu? - perguntou- me Ellen.

- Não - disse eu, - mas está entre as dez mais. Ainda temos morangos, Ellen?

Os anos se passaram. Descobri um monte de quartos no andar de cima do clube - um escritório, um quarto onde às vezes convidados passavam a noite (embora pessoalmente, depois do baque surdo que tinha ouvido - ou imaginei ter ouvido - preferisse ir para um bom hotel), uma pequena mas bem equipada sala de ginástica e uma sauna com ducha. Havia também uma sala comprida e estreita da extensão do prédio que abrigava duas pistas de boliche.

Durante esses anos reli os romances de Edward Gray Seville e descobri um poeta absolutamente fantástico - à altura de Ezra Pound e Wallace Stevens, talvez - chamado Norbert Rosen. Segundo a contracapa de um dos três volumes da estante, ele havia nascido em 1924 e fora morto em Anzio. Os três volumes de seus trabalhos tinham sido publicados por Stedham & Son, Nova Iorque e Boston.

Lembro-me de ter voltado à Biblioteca Pública de Nova Iorque numa radiante tarde de primavera de algum desses anos (não posso precisar o ano) e pedido os Literary Market Place publicados num período de vinte anos. O LMP é uma publicação anual do tamanho de um catálogo de Páginas Amarelas de uma cidade grande, e imagino que a bibliotecária da sala de obras de referência estivesse irritadíssima comigo. Mas insisti, e examinei cada volume cuidadosamente. E apesar do LMP relacionar todos os editores, grandes e pequenos, dos Estados Unidos (além de agentes literários, compiladores e clubes de livros), não encontrei nenhuma referência a Stedham & Son. No ano seguinte - ou talvez dois anos depois conversando com um antiquário de livros, perguntei-lhe se conhecia o editor. Disse-me que nunca tinha ouvido falar.

Pensei em perguntar a Stevens - vi aquele sinal de advertência em seu olhar - e esqueci o assunto.

E durante esses anos todos houve histórias.

Contos, como diz Stevens. Contos engraçados, contos de amor e de ódio, contos de suspense. E até umas poucas histórias de guerra, embora nenhuma fosse do tipo que Ellen imaginava quando sugeriu que eu entrasse para o clube.

Lembro-me claramente da história de Gerard Tozeman - sobre uma base de operações americana atacada pela artilharia alemã quatro meses antes do fim da Primeira Guerra Mundial; todos foram mortos, menos o próprio Tozeman.

Lathrop Carruthers, o general americano que já na época era unanimemente considerado completamente louco (tinha sido o responsável por mais de dezoito mil baixas então - como se as vidas e os membros das pessoas não valessem um tostão), estava de pé à frente de um mapa das linhas de frente quando a bomba explodiu. Ele estava expondo outra operação de ataque naquele momento - uma operação que seria bem sucedida apenas na concepção de outros Carruthers: teria pleno êxito em fazer novas viúvas.

E quando a poeira baixou, Gerard Tozeman, ofuscado e surdo, sangrando pelo nariz, ouvidos e pelos cantos dos olhos, com os testículos já inchados pela força da concussão, estava sobre o corpo de Carruthers procurando uma saída daquele matadouro que tinha sido o quartel-general minutos antes. Ele olhou para o corpo do general... e então começou a gritar e a rir. Ele próprio não podia ouvir, pois ficara surdo com uma explosão, mas seus gritos alertaram os médicos de que alguém ainda estava vivo naquela montanha de gravetos.

Carruthers não havia sido mutilado pela explosão... pelo menos, disse Tozeman, não o que os soldados daquela guerra de tempos atrás consideravam ser mutilado - homens cujos braços haviam sido arrancados, homens sem pés, sem olhos; homens cujos pulmões haviam murchado por causa do gás. Não, disse ele, não era nada parecido. A mãe do sujeito o teria reconhecido imediatamente. Mas o mapa...

... o mapa diante do qual Carruthers estivera de pé com seu ponteiro de açougueiro quando a bomba explodiu...

De alguma maneira o mapa fora projetado de encontro a seu rosto. Tozeman viu-se diante de uma máscara mortuária tatuada hedionda. Aqui estava o litoral pedregoso da Bretanha na saliência óssea da testa de Lathrop Carruthers. Aqui estava o Reno correndo como uma cicatriz azul no lado esquerdo de seu rosto. Aqui estavam uma das melhores regiões vinícolas do mundo subindo e descendo pelo seu queixo. Aqui estava o Saara desenhado em torno de seu pescoço como o laço do algoz... e impresso num globo ocular saliente estava a palavra VERSAILLES.

Esta foi nossa história no Natal de 197...

Lembro-me de muitas outras, mas não se encaixam aqui. Para falar a verdade, tampouco a de Tozeman... mas foi o primeiro "conto de Natal" que ouvi no clube e não pude me conter. E então, na quinta-feira depois do dia de Ação de Graças desse ano, quando Stevens bateu palmas pedindo atenção e perguntou quem nos daria o prazer de narrar um conto de Natal, Emlyn McCarron resmungou:

- Acho que sei de uma que vale a pena contar. E para contar agora ou nunca; em breve Deus me fará calar para sempre.

Durante os anos em que freqüentei o clube, nunca ouvira McCarron contar uma história. Talvez por esse motivo eu tenha chamado um táxi tão cedo e também, quando Stevens serviu a gemada com rum aos seis homens que haviam se aventurado a sair naquela noite de frio e vento, tenha me sentido tão excitado. Eu não era o único; vi que a maioria estava tanto quanto eu.

McCarron, velho e encarquilhado, sentou-se na enorme cadeira junto à lareira com o pacotinho de pó em suas mãos ásperas. Jogou o pacotinho, e vimos as chamas mudarem de uma cor para outra rapidamente até voltarem para o amarelo. Stevens passou servindo conhaque, e entregamos a ele os honorários de Natal. Certa vez, durante esta cerimônia anual, ouvi o tilintar de moedas passando para as mãos de Stevens; em outra ocasião, vislumbrei à luz do fogo uma nota de mil dólares. Em ambas as ocasiões o tom de voz de Stevens tinha sido exatamente o mesmo: baixo, cortês e verdadeiro. Dez anos mais ou menos haviam se passado desde que vim ao clube pela primeira vez com George Waterhouse, e enquanto o mundo lá fora dera muitas voltas, nada havia mudado lá dentro, e Stevens não parecia ter envelhecido um só mês, nem mesmo um único dia.

Ele retirou-se e desapareceu na penumbra, e por alguns instantes houve um silêncio tão absoluto que pudemos ouvir o baixo assovio da seiva da madeira fervendo na lareira. Emlyn McCarron estava olhando o fogo e todos nós fizemos o mesmo. As chamas pareciam particularmente agitadas aquela noite. Senti-me quase que hipnotizado pelo fogo - como, suponho, os homens das cavernas que nos antecederam teriam ficado enquanto o vento assoviava e varria o. lado de fora de suas cavernas geladas.

Por fim, ainda olhando para o fogo, um pouco curvado para poder apoiar os cotovelos nas pernas, as mãos entrelaçadas entre os joelhos, McCarron começou a falar.

II

O Método Respiratório

Estou com quase oitenta anos, o que significa que nasci com o século. Durante toda a minha vida tive uma forte ligação com um prédio que fica quase em frente ao Madison Square Garden; este prédio, que parece um grande presídio cinza - alguma coisa tirada de Um conto de duas cidades - é na verdade um hospital, como vocês sabem. É o Harriet White Memorial Hospital. A Harriet White que deu o nome ao hospital foi a primeira mulher do meu pai, e ela ganhou experiência em enfermagem quando ainda havia ovelhas no Sheep Meadow do Central Park. Há uma estátua dessa mulher sobre um pedestal no pátio em frente ao prédio, e se algum de vocês já a viu, pode ter-se perguntado como uma mulher com uma expressão tão severa e carrancuda pode ter tido uma profissão tão nobre. A inscrição ao pé da estátua em latim é menos animadora ainda: Não há bem-estar sem dor; a salvação virá através do sofrimento. Marcus Porcius, se me permitem... ou se não me permitem!

Eu nasci dentro daquele prédio de pedra em 20 de março de 1900. Voltei lá como médico residente em 1926. Vinte e seis anos já não é mais idade de estar ingressando na medicina, mas eu havia feito uma residência mais prática na França, no final da Primeira Guerra Mundial, tentando recolocar entranhas para dentro de barrigas que haviam sido abertas com explosões, e negociando morfina no mercado negro, muitas vezes misturadas e às vezes perigosa.

Como aconteceu com a geração de médicos depois da Segunda Guerra Mundial, éramos cirurgiões com uma ampla base prática, e os arquivos das principais escolas de medicina registram um número extraordinariamente pequeno de reprovações nos anos de 1919 a 1928. Éramos mais velhos, mais experientes, mais seguros.

Seríamos também mais inteligentes? Não sei... mas certamente éramos mais cáusticos. Não havia essa besteira que se lê nos romances médicos de vomitar ou desmaiar ao se fazer a primeira autópsia. Não depois da batalha de Belleau Wood, quando ratazanas às vezes pariam ninhadas nas barrigas abertas dos soldados que apodreciam em terras de ninguém. Nossas crises de vômitos e desmaios haviam ficado para trás.

O Harriet White Memorial Hospital também está muito ligado a mim com relação ao que aconteceu comigo nove anos depois da minha residência lá - e esta é a história que quero contar a vocês esta noite. Não é um conto apropriado para o Natal, diriam vocês (embora a cena final tenha se passado na véspera do Natal), mas ainda assim, apesar de ser verdadeiramente chocante, me parece que expressa a força impressionante da nossa maldita espécie. Neste episódio pude constatar a maravilha que é a nossa força de

vontade... e também seu terrível e tenebroso poder.

O nascimento em si, cavalheiros, é para muitos uma coisa terrível; a moda agora é os pais assistirem ao nascimento de seus filhos, e se por um lado essa moda tem ajudado a fazer com que mu fitos homens sejam tomados por um sentimento de culpa que na minha opinião não merecem (um sentimento de culpa de que algumas mulheres fazem uso conscientemente e com uma crueldade quase presciente), por outro lado parece ser de um modo geral uma coisa saudável e benéfica. Não obstante, tenho visto homens saírem da sala de parto lívidos e trôpegos e desmaiarem como meninas, vencidos pelos gritos e pelo sangue. Lembro-me de um pai que resistiu bem... até começar a gritar histericamente quando seu filho perfeito e saudável saiu de dentro de sua mulher. Os olhos do bebê estavam abertos, pareciam olhar ao seu redor... e então fixaram-se em seu pai.

O parto é uma coisa maravilhosa, cavalheiros, mas nunca achei que fosse bonito - nem puxando pela imaginação. Acho violento demais para ser bonito. O útero da mulher é como um motor. No momento da concepção o motor é acionado. No início funciona quase em marcha lenta... mas quando o ciclo criador se aproxima do clímax do parto, o motor acelera mais e mais e mais. O bulício da marcha lenta torna-se um zumbido contínuo, depois um rugido e finalmente um urro assustador. Uma vez acionado o motor, toda futura mãe percebe que sua vida está em xeque: ou ela vai parir o bebê e o motor irá parar novamente, ou o motor irá se sacudir e dar pancadas cada vez mais fortes e cada vez mais rápidas até explodir, matando-a de hemorragia e dor.

Esta é a história de um parto, cavalheiros, na véspera do nascimento que celebramos há quase dois mil anos.

Comecei a exercer a medicina em 1929 - um péssimo ano para se começar o que quer que fosse. Meu avô pôde me dar uma pequena quantia em dinheiro, e assim tive mais sorte que a maioria de meus colegas, mas mesmo assim a minha sobrevivência nos quatro anos seguintes foi assegurada em sua maior parte pelos meus próprios expedientes.

Por volta de 1935 as coisas tinham melhorado um pouco. Eu já tinha uma clientela fixa e estava recebendo alguns pacientes externos do White Memorial. Em abril daquele ano atendi uma paciente nova, uma jovem a quem chamarei de Sandra Stansfield - este nome é nem parecido com seu verdadeiro nome. Era uma mulher jovem, branca, que disse ter vinte e oito anos. Depois de examiná-la, calculei que tivesse entre três e cinco anos menos. Ela era loura, magra e alta para a época - por volta de um metro e setenta. Era muito bonita, mas de um jeito tão austero que era quase proibitivo. Suas feições eram bem delineadas e harmônicas, seu olhar era inteligente... e a boca tão desafiadora quanto a boca de pedra de Harriet White na estátua em frente ao Madison Square Garden. O nome que ela escreveu na ficha não foi Sandra Stansfield, mas Jane Smith. Depois de examiná-la, concluí que estava grávida de dois meses mais ou menos. Ela não usava aliança.

Após o exame preliminar - mas antes de chegarem os resultados do teste de gravidez - minha enfermeira, Ella Davidson, disse:

- Aquela garota de ontem? Jane Smith? Se esse nome não é inventado eu não sei o que é um nome falso.

Concordei. Ainda assim, pode-se dizer que senti admiração pela moça. Não tinha se comportado de modo infantil, corando na face e enchendo os olhos de lágrimas. Ela fora prática e objetiva. Até mesmo seu pseudônimo parecera ser mais uma questão de interesse pessoal do que propriamente de vergonha. Ela não procurou se comportar como uma heroína. O senhor quer um nome para botar na ficha, ela parecia dizer, porque alei assim o exige. Aqui está um nome, mas a confiar na ética profissional de um homem a quem não conheço, prefiro confiar em mim mesma. Se não se importa.

Ella torceu o nariz e resmungou alguns comentários - "garotas moderninhas" e "atrevidas" - mas era uma noa mulher, e creio que só tenha dito essas coisas por mera formalidade. Sabia tão bem quanto eu que, fosse quem fosse minha nova paciente, não era nem de longe uma prostituta de olhar cruel e saltos altos. Não; "Jane Smith" era apenas uma jovem extremamente séria e decidida - se é que alguma dessas coisas pode ser expressa por um advérbio tão modesto como "apenas". Era uma situação desagradável (dizia-se "entrar numa enrascada", como vocês devem se lembrar; hoje em dia parece que muitas jovens se utilizam do aborto para se livrarem de uma enrascada, e a intenção dela era levar a gravidez adiante com o máximo de disposição e dignidade.

Uma semana após sua primeira consulta ela voltou. O dia estava esplêndido - um dos primeiros dias de primavera. A temperatura estava amena, o céu azul claro e havia um aroma na brisa um aroma fresco e indefinível que parece ser um sinal da natureza de que está entrando em seu ciclo de criação outra vez. Era o tipo do dia em que a gente tem vontade de estar bem longe de qualquer responsabilidade, sentado ao lado de uma mulher encantadora em Coney Island, talvez, ou em Palisades na outra margem do Hudson com uma cesta de piquenique sobre uma toalha xadrez e a mulher em questão de chapelão branco e vestido sem mangas, tão linda quanto o dia.

O vestido de "Jane Smith" tinha mangas, mas mesmo assim era quase tão lindo quanto o dia; um elegante vestido de linho branco com debrum marrom. Ela estava de escarpins marrons, luvas brancas e um chapeuzinho ligeiramente fora de moda - foi o primeiro indício de que ela estava longe de ser uma mulher rica.

- A senhorita está grávida - disse eu. - Não acredito que tivesse dúvidas.

Se ela tiver que chorar, pensei, será agora.

- Não - disse ela, com uma aparência absolutamente tranqüila. Não havia qualquer sinal de lágrimas em seus olhos, assim como não havia qualquer nuvem no horizonte aquele dia. - Minha menstruação sempre foi certa.

Houve um instante de pausa.

- Quando é que vai nascer? - perguntou ela, num suspiro quase inaudível. Foi um suspiro que se dá antes de se curvar para pegar alguma coisa pesada.

- Vai ser um bebê natalino - disse eu. - Dez de dezembro é o seu ponto de referência,

mas pode ser duas semanas antes ou depois disso.

- Está bem. - Ela hesitou um instante, e então foi em frente: - O senhor vai me assistir? Mesmo eu não sendo casada?

- Vou - disse eu. - Mas com uma condição.

Ela franziu o cenho, e naquele momento seu rosto ficou mais parecido do que nunca com o rosto de Harriet White. Ninguém poderia imaginar que o olhar contrariado de uma mulher de apenas vinte e três anos pudesse expressar tamanho receio. Ela estava pronta para ir embora, e o fato de ter que passar por todo esse constrangimento outra vez com outro médico não iria fazê-la desistir.

- E qual seria essa condição? - perguntou ela, com uma polidez irrepreensível.

Então fui eu que senti ímpetos de desviar meus olhos de seus olhos firmes cor de avelã, mas fiquei impassível.

- Faço questão de saber seu nome verdadeiro. Podemos continuar assim, como quem trata de negócios, se a senhorita preferir, e a Sra. Davidson pode continuar a prescrever suas receitas em nome de Jane Smith. Mas se vamos continuar juntos nos próximos sete meses, eu gostaria de chamá-la pelo nome que usou a vida toda.

Terminei este pequeno discurso ridiculamente severo e observei - a refletir sobre ele. Por alguma razão eu tinha certeza de que ela iria se levantar, desculpar-se por ter tomado o meu tempo e ir-se para não mais voltar. Eu ficaria decepcionado se isso acontecesse. Gostava dela. Mais do que isso, gostava da maneira franca com que ela estava lidando com um problema que faria com que noventa entre cem mulheres mentissem, apavoradas com o que está crescendo lá dentro e tão profundamente envergonhadas de sua situação que qualquer esforço no sentido de lutar contra isso se torna impossível.

Creio que muitos jovens hoje em dia achariam essa situação cômica, vergonhosa e até difícil de acreditar. As pessoas se tornaram tão ávidas em demonstrar sua tolerância, que uma gestante sem aliança recebe o dobro de cuidados. Vocês se lembram de quando a situação era bem diferente - no tempo em que a honradez e a hipocrisia eram associadas para criar uma situação extremamente difícil para uma mulher que tivesse se metido numa "enrascada". Naquela época, uma gestante casada era uma mulher radiante, convicta de sua postura e orgulhosa de estar cumprindo a finalidade que considerava ser vontade de Deus. Uma gestante solteira era uma prostituta aos olhos do mundo e suscetível a considerar-se como tal. Usando uma expressão de Ella Davidson, elas eram "fáceis", e naquele mundo e naquela época a "facilidade" não era esquecida da noite para o dia. Essas mulheres iam-se embora para ter os filhos em sua cidade natal. Algumas tomavam remédios ou se jogavam de prédios. Outras procuravam açougueiros que praticavam aborto com mãos sujas, ou tentavam fazer o aborto sozinhas; desde que sou médico já vi quatro mulheres morrerem de hemorragia na minha frente em decorrência de úteros perfurados - em um dos casos a perfuração foi feita com um gargalo pontiagudo de garrafa amarrado ao cabo de um espanador de pó. Hoje em dia fica difícil acreditar que aconteciam coisas desse tipo, mas é verdade, cavalheiros. Essas

coisas aconteciam. Era simplesmente a pior situação em que uma mulher sadia poderia se encontrar.

- Está bem - disse ela, finalmente. - E justo. Meu nome é Sandra Stansfield. - Ela estendeu-me a mão. Um tanto perplexo, apertei sua mão. Fiquei satisfeito que Ella Davidson não tivesse me visto fazer isso. Não faria qualquer comentário, mas o café viria amargo por uma semana.

Ela sorriu - ante minha expressão tola, imagino - e olhou para mim com sinceridade.

- Espero que sejamos amigos, Dr. McCarron. Preciso de um amigo neste momento. Estou apavorada.

- Eu entendo, e tentarei ser seu amigo, se puder, Srta. Stansfield. Posso ajudá-la em alguma coisa agora?

Ela abriu a bolsa e tirou um bloquinho e uma caneta. Abriu o bloco, segurou a caneta e olhou para mim. Por um instante pensei horrorizado que ela ia me pedir o nome e o endereço de um aborteiro. Então ela disse:

- Gostaria de saber o que é melhor para comer. Para o bebê, quero dizer.

Dei uma risada. Ela me olhou um pouco espantada.

- Me desculpe; é que a senhorita parece que está tratando de negócios.

- Acho que sim - disse ela. meus negócios, não é, Dr. McCarron?

- É. Claro que é. E tenho um livrete que dou a todas as minhas pacientes grávidas. Trata de dieta, peso, bebida, fumo e muitas outras coisas. Por favor, não ria quando o estiver lendo. Vou ficar magoado, pois fui eu que o escrevi.

Eu o escrevi - embora fosse mais um folheto do que um livrete, e com o tempo veio a ser o meu livro, Guia prático de gravidez e parto. Eu tinha muito interesse em obstetrícia e ginecologia naquele tempo - e ainda tenho - embora só fosse uma área para se especializar se você tivesse uma boa clientela na zona residencial. E mesmo assim, poderia levar uns dez a quinze anos para ganhar uma boa experiência. Como comecei a clinicar numa idade já bem madura por causa da guerra, achava que não tinha tempo a perder. Eu me contentava com a perspectiva de que veria um grande número de gestantes felizes e traria ao mundo um grande número de bebês durante minha carreira. E foi isso mesmo; pelas minhas últimas contas tinha trazido ao mundo mais de dois mil bebês - o bastante para encher cinqüenta salas de aula.

Eu me mantinha mais atualizado com as publicações sobre gravidez e parto do que com qualquer outra área clínica. E por serem minhas opiniões firmes e entusiásticas, preferi escrever meu próprio folheto do que adotar aquela mesmice caduca de que dispunham as jovens mães de então. Não vou falar sobre esse catálogo inteiro de mesmices - ficaríamos a noite toda aqui - mas vou citar duas delas.

Às mulheres grávidas era recomendado que ficassem de pé o mínimo possível, e de maneira nenhuma podiam andar uma distância perfeitamente suportável sob o risco de correr perigo na hora do parto. Ora, parto é um negócio extremamente exaustivo, e tal conselho seria o mesmo que dizer a um jogador de futebol nas vésperas de um grande jogo que descanse o máximo possível para não ficar cansado! Outro conselho brilhante, dado por muitos médicos bons, era que as gestantes cujo peso estivesse acima do recomendável começassem a fumar... a fumar! Os motivos estavam claramente expressos em um slogan da época: "Fume um cigarro ao invés de chupar uma bala." Quem pensa que quando entramos no século XX estávamos entrando também na era da ciência e do conhecimento médico não faz idéia de como a medicina às vezes

Este bebê agora faz parte dos pode ser totalmente insensata. Talvez porque essas pessoas não têm nada a perder; seus cabelos vão ficar brancos do mesmo jeito.

Dei meu livrete à Srta. Stansfield e ela examinou-o com atenção por uns cinco minutos talvez. Perguntei-lhe se permitiria que eu acendesse meu cachimbo e ela concordou absorta, sem tirar os olhos do livrete. Quando ela finalmente levantou os olhos, havia um pequeno sorriso em seus lábios.

- O senhor é um radical, Dr. McCarron? - perguntou ela.

- Por que pergunta isso? Porque aconselho às gestantes caminharem ao invés de pegarem um metrô cheio de fumaça e que anda aos trancos?

- Vitaminas para o pré-natal, o que quer que sejam... natação recomendável... e exercícios respiratórios! Que tipo de exercícios respiratórios?

- Isso é para mais tarde; e não, não sou radical. Longe disso. O problema é que estou cinco minutos atrasado para a minha próxima consulta.

- Me desculpe! - Ela levantou-se rapidamente, enfiando o alentado livrete na bolsa.

- Não precisa se desculpar.

Ela vestiu o casaco olhando para mim com aqueles olhos de avelã.

- Não - disse ela. - Não é radical. Suponho que seja uma pessoa bem... tranqüila. É essa a palavra?

- Espero que sim - disse eu. - Gosto dessa palavra. Fale com a Sra. Davidson para lhe dar o horário de consultas. Quero ver a senhorita no início do mês que vem.

- A Sra. Davidson não me aprova.

- Ora, tenho certeza de que isso não é verdade.

Mas nunca fui um mentiroso convincente, e o ambiente entre nós de repente esfriou. Não a acompanhei à porta da sala de consulta.

- Srta. Stansfield?

Ela virou-se com um olhar frio e interrogativo.

- A senhorita pretende criar seu filho?

Ela me estudou por um instante e depois sorriu - um sorriso misterioso que tenho certeza que só as mulheres grávidas conhecem.

- É claro - disse ela, e saiu.

Até o final daquele dia eu já havia atendido uns gêmeos com intoxicação por plantas venenosas, lancetado um furúnculo, retirado um pedaço de metal do olho de um soldador de chapas e encaminhado um dos meus pacientes mais antigos ao White Memorial para tratar do que com toda a certeza era um câncer. Já havia então me esquecido de Sandra Stansfield. Foi Ella Davidson quem me lembrou ao dizer:

- Talvez ela não seja uma vagabundazinha afinal de contas.

Tirei os olhos da ficha do meu último paciente. Estivera correndo os olhos nela, sentindo aquela revolta inútil que a maioria dos médicos sente quando sabem que estão de pés e mãos atados, e imaginando que eu deveria mandar fazer um carimbo para esse tipo de pasta - ao invés de CONTAS A RECEBER ou PAGAMENTOS EFETUADOS ou PACIENTES REMOVIDOS, seria simplesmente SENTENÇAS DE MORTE. Talvez com uma caveira e dois ossos cruzados, como nas garrafas de veneno.

- Perdão, não ouvi.

- A Srta. Jane Smith. Ela fez uma coisa bastante estranha depois da consulta hoje de manhã. - A expressão do rosto e o tom de voz da Sra. Davidson deixavam claro que este era o tipo de coisa estranha que ela louvava.

- E o que foi?

- Quando dei a ela o cartão de consultas, me pediu para calcular suas despesas. Todas as despesas. Inclusive o parto e as diárias do hospital.

Aquilo era sem dúvida uma coisa estranha. Estávamos em 1935, lembrem-se, e a Srta. Stansfield dava toda a impressão de ser uma mulher sozinha. Será que ela tinha uma boa situação, ou mesmo uma situação razoável? Eu duvidava muito. O vestido, os sapatos e as luvas eram elegantes, mas ela não usava jóias - nem mesmo jóias de fantasia. E havia também o chapéu, definitivamente fora de moda.

- E você calculou? - perguntei.

A Sra. Davidson olhou para mim como se eu tivesse perdido o

- Se eu calculei? É claro que sim! E ela pagou tudo. Em dinheiro vivo.

Esta última informação, que aparentemente mais surpreendera a Sra. Davidson (de modo bastante favorável, é claro), não me surpreendeu em absoluto. Uma das coisas que as Jane Smiths da vida não conseguem fazer é preencher cheques.

- Tirou um envelope de banco da bolsa, abriu-o e contou o dinheiro em cima da minha mesa - continuou a Sra. Davidson. Então colocou a receita dentro do envelope, guardou-o na bolsa de novo e disse até logo. Nada mau em comparação àquelas chamadas pessoas "de bem" que temos que perseguir para que paguem as contas!

Senti-me vexado por alguma razão. Não gostei da Srta. Stansfield ter feito aquilo, nem do fato da Sra. Davidson ter ficado alegre e satisfeita com as providências, e nem comigo mesmo, por alguma razão que não consegui e nem consigo agora explicar. Alguma coisa me fez sentir pequeno.

- Mas ela não poderia pagar pelas diárias do hospital agora, poderia? - perguntei. Era um argumento ridiculamente insignificante, mas foi só o que consegui dizer naquele momento para expressar meu ressentimento e minha frustração. - Afinal de contas, ninguém sabe quanto tempo ela vai ter que ficar lá. Ou será que você agora está lendo a bola de cristal, Ella?

- Eu disse a ela justamente isso, e ela me perguntou quanto tempo em média levava uma internação de um parto sem problemas. Disse a ela seis dias. Não é isso mesmo, Dr. McCarron?

Tive que admitir que sim.

- Ela disse que nesse caso pagaria por seis dias, e se a internação fosse mais longa ela pagaria a diferença, e se...

- Se fosse mais curta, nós devolveríamos a diferença - completei aborrecido. Pensei: Essa mulher que se dane! - e depois ri. - Ela tem coragem. E que coragem!

A Sra. Davidson permitiu-se sorrir... e se agora que estou caduco for tentado a acreditar que sei tudo o que há para se saber sobre um de meus colegas, tento me lembrar daquele sorriso: Até aquele dia eu teria apostado minha vida que eu jamais veria a Sra. Davidson, uma das mulheres mais "pudicas" que já conheci, sorrir ternamente ao se referir a uma menina que engravidou sem ser casada.

- Coragem? Não sei, doutor. Mas ela sabe o que faz. Com toda a certeza.

Um mês se passou, e a Srta. Stansfield compareceu pontualmente à consulta, surgindo daquela enorme e assombrosa massa de gente que era e é New York. Ela usava um vestido azul de verão com o qual pretendia exteriorizar uma sensação de originalidade, de exclusividade, apesar do fato de que era óbvio que tinha saído de um cabide com dezenas iguais a ele. Seus escarpins não combinavam com ele, eram os mesmos escarpins marrons que eu tinha visto da primeira vez.

Examinei-a cuidadosamente e achei que tudo estava normal. Disse-lhe isso e ela ficou satisfeita.

- Encontrei as vitaminas do pré-natal, Dr. McCarron.

- É mesmo? Isso é ótimo.

Seus olhos brilharam com malícia.

- O farmacêutico me aconselhou a não torná-las.

- Deus me livre dos boticários - disse eu, e ela riu com a mão sobre a boca - foi um gesto infantil que passou por cima de sua inibição. - Nunca vi um farmacêutico que não fosse um médico frustrado. E republicano. As vitaminas do pré-natal são novidade, por isso são encaradas com desconfiança. A senhorita seguiu o conselho dele?

- Não, segui o seu. Meu médico é o senhor.

- Obrigado.

- Não há de quê. - Ela me olhou nos olhos, sem sorrir. Dr. McCarron, quando é que a barriga vai começar a aparecer?

- Acho que até agosto não deve aparecer. Em setembro, se a senhorita usar roupas... largas.

- Obrigada. - Ela pegou a bolsa mas não se levantou imediatamente para sair. Achei que ela queria falar... e não sabia nem por onde começar.

- A senhorita trabalha, suponho.

Ela fez que sim com a cabeça.

- Sim, trabalho.

- Posso saber onde? Se a senhorita não quiser...

Ela riu - um riso ligeiro e sem graça, tão diferente de uma risada quanto o dia da noite.

- Numa loja de departamentos. Onde mais uma mulher solteira trabalharia nesta cidade? Vendo perfumes a senhoras gordas que fazem rinsagem e permanente nos cabelos.

- Até quando vai continuar lá?

- Até que meu estado delicado se torne visível. Então suponho que eu seja convidada a ir embora, para não deixar as senhoras gordas aborrecidas. O choque de ser atendida por uma mulher grávida sem aliança pode fazer com que seus cabelos se estiquem outra vez.

De repente seus olhos ficaram cheios d'água. Seus lábios começaram a tremer e eu procurei atabalhoadamente um lenço. Mas as lágrimas não correram - apenas e somente

uma lágrima. Seus olhos se encheram por um momento e então se fecharam. Ela apertou os lábios... e depois relaxou. Simplesmente decidiu que não iria perder o controle de suas emoções... e não perdeu. Foi uma coisa extraordinária de ser observada.

- Me desculpe - disse ela. - O senhor tem sido muito gentil comigo. Não vou retribuir sua gentiliza com o que seria um lugar comum.

Ela se levantou para sair e eu me levantei também.

- Não sou um mau ouvinte - disse eu, - e tenho tempo. Meu próximo cliente cancelou a consulta.

- Não - disse ela. - Obrigada, mas não.

- Está bem - disse eu. - Mas tem outra coisa.

- O quê?

- Não é meu costume fazer com que meus clientes - qualquer cliente - pague adiantado pelos serviços. Espero que a senhorita... isto é, se a senhorita quisesse... ou tivesse que... - E me calei desajeitadamente.

- Moro em New York há quatro anos, Dr. McCarron, e sou econômica por natureza. Depois de agosto - ou setembro - terei de viver com as minhas economias até poder voltar a trabalhar. Não é uma grande quantia, e às vezes, principalmente durante a noite, fico apreensiva.

Ela me olhava com firmeza com aqueles maravilhosos olhos de avelã.

- Achei melhor - mais seguro - pagar logo para ter o bebê. Antes de qualquer coisa. Porque para mim o bebê está em primeiro lugar, e porque mais tarde a tentação de gastar esse dinheiro pode se tornar muito grande.

- Está bem - disse eu. - Mas, por favor, lembre-se de que considero isso um pagamento adiantado. Se precisar do dinheiro, é só falar.

- E despertar o mau gênio da Sra. Davidson outra vez? - O olhar maroto voltou aos seus olhos. - De jeito nenhum. Mas, doutor...

- Você pretende trabalhar o máximo de tempo possível? Tanto quanto for possível?

- Pretendo. Eu tenho que trabalhar. Porquê?

- Acho que vou assustá-la um pouco antes que vá embora - disse eu.

Seus olhos se arregalaram um pouco.

- Não faca isso - disse ela. - Já estou bastante assustada.

- É por isso mesmo. Sente-se um pouco, Srta. Stansfield. Mas ela continuou de pé, e eu acrescentei: - Por favor.

Ela sentou-se. Relutante.

- A senhorita está numa situação delicada e nada invejável disse a ela, sentado no canto da minha mesa. - Está levando tudo com uma dignidade excepcional.

Ela começou a falar, mas levantei a mão para que esperasse.

- Isso é bom. Eu lhe cumprimento por isso. Mas não gostaria de vê-la machucar seu bebê por causa de segurança financeira. Tive uma cliente que, apesar das minhas incansáveis advertências, continuou a se apertar dentro de uma cinta mês após mês, apertando-a cada vez mais. Era uma mulher vaidosa, ignorante e desagradável, e não acredito que ela quisesse mesmo o filho. Não concordo com muitas dessas teorias do subconsciente sobre as quais todo mundo discute hoje em dia em frente a tabuleiros de dominó chinês, mas se concordasse diria que ela, ou alguma parte dela, estava tentando matar o bebê.

- E ela matou? - Sua expressão era de tranqüilidade.

- Não, não matou. Mas o bebê nasceu retardado. É bem possível que fosse retardado de qualquer jeito, e não estou dizendo O contrário - sabemos muito pouco sobre as causas desse tipo de coisa. Mas ela pode ter causado isso.

- Eu entendo - disse ela, em voz baixa. - O senhor não quer que eu... me aperte para poder trabalhar um mês ou seis semanas a mais. Confesso que cheguei a pensar nisso. Portanto... obrigada pelo susto.

Desta vez, acompanhei-a até a porta. Gostaria de ter perguntado a ela quanto - se muito ou pouco - havia deixado naquele envelope com as suas economias, e até quando aquela quantia iria dar. Era uma pergunta que ela não responderia; eu sabia disso muito bem. Por isso, apenas me despedi e fiz um comentário engraçado a respeito das vitaminas. Ela foi embora. Durante o mês seguinte me pegava pensando nela em momento ociosos, e...

Neste ponto, Johanssen interrompeu a história de McCarron. Os dois eram velhos amigos, e suponho que isso lhe desse o direito de fazer a pergunta que com certeza todos tínhamos na cabeça.

- Você a amava, Emlyn? É sobre isso a história, esse negócio sobre os olhos e o sorriso dela e de como você "pensava nela em momentos ociosos?"

Achei que McCarron pudesse ficar chateado com esta interrupção, mas não ficou.

- Você tem o direito de perguntar isso - disse ele, e se calou, olhando para o fogo. Parecia que ele estava prestes a cochilar. Então um pedaço de madeira seca estalou, fazendo com que pedacinhos de brasa subissem pela chaminé, e McCarron olhou à sua volta, primeiro para Johanssen e depois para todos nós.

- Não. Eu não a amava. As coisas que falei sobre ela parecem coisas que um homem teria notado se estivesse se apaixonando seus olhos, seus vestidos, seu sorriso. - Ele acendeu o cachimbo com um isqueiro peculiar que levava sempre consigo, aspirando a chama até formar uma camada de brasa. Então fechou o isqueiro, colocou-o no bolso do casaco e soltou uma nuvem de fumaça que desceu devagar sobre sua cabeça como uma névoa aromática.

- Eu a admirava. nada mais do que isso. E minha admiração aumentava a cada consulta. Acho que alguns de vocês pensam que esta é uma história de amor interrompida pelas circunstâncias. Nada poderia estar mais longe da verdade. A história dela me foi contada aos poucos durante os seus meses seguintes, e quando vocês ouvirem-na, acho que concordarão que era uma história tão comum quanto ela disse que era. Tinha sido atraída pela cidade como milhares de outras garotas; tinha vindo de uma cidade pequena...

... em lowa ou Nebraska. Ou talvez fosse Minnesota - não me lembro mais. Ela tinha feito teatro na escola e no teatro comunitário da sua cidadezinha - com comentários favoráveis no hebdomadário local escritos por um crítico teatral formado em Inglês pelo Cow and Sileage Junior College - e veio para Nova Iorque tentar uma carreira de atriz.

Ela era prática mesmo com relação a isso - tão prática quanto uma ambição teórica nos deixa ser. Veio para Nova Iorque, disse-me, porque não acreditava na tese despojada das revistas de cinema - que qualquer garota que fosse para Hollywood poderia se tornar uma estrela, que num dia podia estar tomando soda no Schwab's Drugstore e no dia seguinte estar contracenando com Gable ou MacMurray. Veio para Nova Iorque, disse ela, porque pensou que pudesse ser mais fácil começar aqui... e, acho eu, porque se interessava mais pelo teatro do que pelo cinema.

Conseguiu um emprego numa das grandes lojas de departamentos e entrou num curso de teatro. Era inteligente e decidida, essa garota - tinha uma enorme força de vontade - mas era humana como qualquer pessoa. Era solitária também. Solitária no sentido que talvez apenas garotas solteiras recém-chegadas de cidadezinhas do meio-oeste compreendam. Nem sempre a nostalgia é um sentimento indefinido, melancólico e quase belo, embora seja assim que sempre a imaginamos. Pode ser uma lâmina bem afiada, não apenas uma doença em metáfora mas também de fato. Ela pode mudar o modo de uma pessoa encarar o mundo; as caras com as quais se cruza nas ruas parecem não apenas insignificantes, mas também medonhas... talvez até nefastas. A nostalgia é uma doença real a dor da planta arrancada.

A Srta. Stansfield, por mais admirável que possa ter sido, por mais determinação que possa ter tido, não era imune a isso. E o que vem depois disso é tão banal que nem é preciso contar. Havia um rapaz na sua aula de teatro. Os dois saíram diversas vezes. Ela não o amava, mas precisava de um amigo. Quando ela descobriu que ele não era aquilo que ela pensava e que jamais seria, já haviam ocorrido dois incidentes. Incidentes sexuais. Ela descobriu que estava grávida. Contou a ele, que lhe disse que iria ajudá-la e "agir condignamente". Uma semana depois ele havia desaparecido de onde morava, sem deixar qualquer endereço. Foi então que ela me procurou.

No seu quarto mês de gravidez, apresentei à Srta. Stansfield o Método Respiratório - o que hoje em dia é chamado de Método Lamaze. Naquele tempo, vocês sabem, Monsieur Lamaze ainda não era conhecido.

Naquela época - já repeti essa expressão várias vezes, sei disso. Desculpem, mas não posso fazer nada - tudo o que já contei e ainda vou contar aconteceu assim porque foi "naquela época".

Assim... "naquela época", há quarenta e cinco anos atrás, uma visita à sala de parto de qualquer grande hospital americano teria parecido mais uma visita a um hospício. Mulheres chorando desesperadamente, dizendo aos berros que preferiam morrer, que não agüentavam tanta dor, pedindo a Deus que perdoasse seus pecados, desfiando blasfêmias e impropérios que seus pais e maridos nunca imaginariam que elas soubessem. Tudo isso é bem aceitável, apesar do fato de que a maioria das mulheres de todo o mundo dão à luz quase que em silêncio absoluto, com exceção dos resmungos de esforço que associaríamos a qualquer trabalho físico pesado.

Os médicos eram responsáveis por parte dessa histeria, sinto dizer isso. As histórias que as gestantes ouviam de amigas e parentes que já tinham passado por isso também contribuíam. Podem acreditar: se disserem a vocês que alguma experiência vai doer, ela vai doer. Grande parte da dor está na cabeça, e quando uma mulher encasqueta a idéia de que o ato de dar à luz é terrivelmente doloroso - quando ela recebe esta informação da mãe, das irmãs, das amigas casadas, e do seu médico - ela já está mentalmente preparada para sentir uma enorme dor.

Mesmo depois de apenas seis anos de prática, já tinha me acostumado a ver mulheres tentando lutar contra um problema duplo: não apenas o fato de estarem grávidas e terem que preparar tudo para o recém-nascido, mas também o fato de que - o que muitas consideravam como fato - tinham entrado no vale da sombra da morte. Na verdade, muitas tentavam deixar tudo na mais absoluta ordem, pois caso morressem seus maridos poderiam se virar sem elas.

Agora não é hora nem lugar para uma aula de obstetrícia, mas vocês devem saber que durante muito tempo, até "aquela época", o parto era extremamente perigoso em países ocidentais. Uma revolução no procedimento médico, por volta de 1900, tornou o processo muito mais seguro, mas um número ridiculamente pequeno de médicos insistiam em contar esse tipo de coisa às futuras mães. Só Deus sabe por quê. Em vista disso, é de se admirar que a maioria das salas de parto parecesse uma enfermaria de hospício? Aqui estão essas pobres mulheres, sua hora finalmente tendo chegado, passando por uma experiência que, por causa do decoro quase vitoriano da época, lhes foi descrita da maneira mais obscura; aqui estão essas mulheres sentindo a máquina de fazer nascer funcionando a todo vapor. Elas são tomadas por um misto de medo e surpresa que transformam imediatamente numa dor insuportável, e a maioria pensa que logo morrerá como um cachorro.

Enquanto eu lia a respeito de gravidez, descobri o princípio do parto silencioso e o objetivo do Método Respiratório. Gritar desperdiça uma energia que seria melhor aproveitada para expulsar o bebê, causa uma oxigenação excessiva do sangue que deixa o corpo em estado de emergência - descargas enormes de adrenalina, aumento do ritmo

respiratório e cardíaco - o que é absolutamente desnecessário. O objetivo do Método Respiratório é fazer com que a mãe concentre sua atenção no trabalho de parto e lute contra a dor com os próprios recursos de seu corpo.

Este método era largamente empregado na Índia e na África; nos Estados Unidos, pelos índios Shoshone, Kiowa e Micmac; os esquimós sempre se utilizaram dele; mas, como vocês devem imaginar, a maioria dos médicos ocidentais nunca se interessou muito por isso. Um colega meu - um sujeito inteligente - devolveu meu folheto de gravidez no outono de 1931 com um risco vermelho sobre toda a parte do Método Respiratório. Na margem ele escreveu que se estivesse interessado em "superstições de negros" 'iria à banca de jornal comprar um exemplar de Histórias Fantásticas!

Bem, não retirei do folheto a parte que ele havia sugerido, mas eu já tinha tido êxitos e fracassos com o método - isso era o melhor que se poderia dizer. Houve mulheres que usaram-no com muito sucesso. Houve outras que davam a impressão de ter entendido perfeitamente a idéia em princípio mas que perdiam completamente a disciplina assim que as contrações se tornavam fortes e rápidas. Descobri que na maior parte desses casos toda a idéia tinha sido deturpada e destruída por amigas e parentes bem-intencionadas que nunca tinham ouvido falar de uma coisa dessas, e portanto não poderiam acreditar que realmente funcionasse.

O método baseava-se na idéia de que, embora não haja dois trabalhos de parto iguais em aspectos específicos, todos são bem parecidos em aspectos gerais. Existem quatro estágios: contrações, dilatação, expulsão e expulsão da placenta. As contrações são um endurecimento completo dos músculos abdominais e pélvicos, e a futura mãe começa a senti-las no sexto mês. Muitas mulheres grávidas pela primeira vez imaginam que vão sentir algo desagradável, como cólicas intestinais, mas me disseram que é muito menos pungente - uma sensação física forte, que pode se transformar numa dor como de cãibra. Uma mulher que fizesse uso do Método Respiratório começaria a respirar numa série de aspirações e expirações curtas e compassadas ao sentir o início de uma contração. A expiração seria um sopro, como Dizzy Gillespie soprando um trompete.

Durante a dilatação, quando as contrações são mais dolorosas num intervalo de quinze minutos aproximadamente,. a aspiração e a expiração são longas - é assim que corredores de maratona respiram quando estão chegando ao fim da corrida. Quanto mais forte for a contração, mais longa será a respiração. No meu folheto, dei a esta etapa o nome de "cavalgando sobre as ondas".

A etapa final dei o nome de "locomotiva", e os seguidores de Lamaze hoje em dia chamam de etapa "xu-xu" de respiração. A fase de expulsão é acompanhada de dores freqüentemente descritas como profundas e agudas, associadas a uma necessidade irresistível da mãe de fazer força... para expulsar o bebê. Este é o ponto, cavalheiros, em que aquela máquina maravilhosa e assustadora alcança seu clímax. O colo do útero está totalmente dilatado. O bebê já iniciou sua curta viagem pelo canal vaginal, e se olhássemos diretamente entre as pernas da mãe, poderíamos ver a fontanela do bebê pulsando a apenas alguns centímetros. A parturiente que se utiliza do Método Respiratório começa neste momento a fazer aspirações e expirações curtas e fortes pela boca meio fechada, sem encher os pulmões, sem oxigenar demais o sangue, mas quase ofegando de forma controlada. É o barulho que as crianças fazem quando imitam uma

locomotiva a vapor.

Tudo isso produz um efeito salutar no corpo - a taxa de oxigênio da mãe se mantém alta sem que seu organismo entre em estado de emergência, e ela própria se mantém informada e atenta, podendo fazer perguntas e receber instruções. Porém o mais importante eram os efeitos mentais do Método Respiratório. A parturiente sentia que estava participando ativamente do Nascimento do filho - que de alguma forma estava comandando o processo. Ela sentia que estava controlando a experiência... e controlando a dor.

Vocês podem perceber que todo o processo dependia totalmente do estado psicológico da paciente. O Método Respiratório era extremamente vulnerável, extremamente delicado, e se ele fracassou muitas vezes comigo, a minha explicação é esta. aquilo de que um médico convence uma paciente, seus parentes podem convencê-la do contrário, horrorizados ao tomarem conhecimento de uma prática tão selvagem.

Pelo menos sob esse aspecto a Srta. Stansfield era a paciente ideal. Não tinha parentes ou amigos para convencê-la a desacreditar no Método Respiratório (embora, para falar a verdade, eu deva acrescentar que duvido que alguém tivesse conseguido dissuadi-la de qualquer coisa depois de ela ter tomado uma decisão sobre o assunto) depois que ela passou a acreditar nele. E ela passou a acreditar nele.

- É um pouco como auto-hipnose, não é? - ela perguntou, na primeira vez que falamos no assunto.

Concordei, encantado.

- Exatamente! Mas não vá pensar que é um truque, ou que vai deixá-la deprimida quando o negócio ficar difícil.

- De jeito nenhum. Estou muito grata ao senhor. Vou praticar assiduamente, Dr. McCarron. - Ela era o tipo de mulher para a qual o Método Respiratório fora inventado, e quando ela me disse que iria praticá-lo, estava dizendo a pura verdade. Eu nunca tinha visto alguém aceitar uma idéia com tanto entusiasmo... mas, é claro, o Método Respiratório adaptava-se perfeitamente ao seu temperamento. Há milhões de homens e mulheres dóceis neste mundo, e algumas dessas pessoas são extraordinárias. Mas há outras cujas mãos anseiam por segurar as rédeas de suas próprias vidas, e a Srta. Stansfield era uma dessas.

Quando digo que ela adotou totalmente Método Respiratório, estou falando sério... e acho que a história de seu último dia na loja de departamentos onde vendia perfumes e cosméticos é uma prova concreta.

Ela perdeu finalmente seu lucrativo emprego no final de agosto. A Srta. Stansfield era uma jovem magra de boa condição física e este era, claro, seu primeiro filho. Qualquer médico diria que um tipo desses de mulher não se faz "notar" até o quinto ou sexto mês... e então, de repente, um dia fica tudo evidente.

Ela veio para a consulta mensal no dia 1° de setembro, com um sorriso triste, e me disse

ter descoberto outra utilidade para o Método Respiratório.

- Qual é? - perguntei.

- É melhor do que contar até dez quando se está morrendo de raiva de alguém - disse ela. Seus olhos de avelã estavam brilhando. - Embora olhem para você como se você fosse louco quando começa a bufar e soprar.

Ela me contou a história sem demora. Fora trabalhar na segunda-feira anterior, como de costume, e eu só posso deduzir que a rápida e curiosa transformação de uma jovem esbelta em uma jovem grávida - e essa transformação pode acontecer do dia para a noite nos trópicos - tenha se dado no final de semana. Ou talvez sua supervisora tenha por fim se convencido de que suas suspeitas não eram mais apenas suspeitas.

- Quero que vá à minha sala no intervalo - disse, friamente, a tal da Sra. Kelly. O relacionamento entre as duas já havia sido bastante cordial. A Sra. Kelly lhe mostrara fotografias de seus dois filhos, ambos no segundo grau, e as duas chegaram inclusive a trocar receitas. A Sra. Kelly sempre lhe perguntava se ela já tinha encontrado "um bom rapaz". Aquela gentileza e a cordialidade haviam desaparecido. E quando ela entrou na sala da Sra. Kelly, sabia o que esperava por ela, disse-me.

- Você está numa enrascada - disse, laconicamente, aquela mulher antes gentil.

- Eu sei - disse a Srta. Stansfield. - É assim que algumas pessoas chamam.

O rosto da Sra. Kelly ficou da cor de um tijolo.

- Não se faça de engraçadinha comigo, mocinha - disse ela. - Pelo tamanho da sua barriga você já deu provas da sua esperteza.

Eu podia imaginar a cena enquanto ela me contava a história - a Srta. Stansfield, com seus olhos de avelã fixos na Sra. Kelly, absolutamente calma, sem querer baixar os olhos, ou chorar, ou mostrar-se envergonhada. Acredito que ela tivesse uma noção muito mais prática da enrascada em que se metera do que a sua supervisora, mãe de dois filhos crescidos e mulher de um sujeito honesto, que tinha uma barbearia e votava no Partido Republicano.

- Quero dizer que você não se envergonha nem um pouco por ter me enganado desse jeito - exclamou a Sra. Kelly, com rancor.

- Eu nunca enganei a senhora. Até hoje minha gravidez não tinha sido mencionada. - Ela olhou interrogativamente para a Sra. Kelly. - Como pode dizer que enganei a senhora?

- Eu levei você na minha casa! - exclamou a Sra. Kelly. Convidei você para jantar... com os meus filhos. - Ela olhava para a Srta. Stansfield com total repugnância.

Foi então que a Srta. Stansfield começou a ficar indignada. Mais indignada do que nunca, me disse ela. Sabia muito bem que tipo de reação poderia esperar quando o

segredo fosse descoberto, mas como todos vocês sabem, a diferença entre a teoria acadêmica e a aplicação prática pode às vezes ser enorme.

Segurando firmemente uma mão na outra sobre o colo, a Srta. Stansfield disse:

- Se a senhora está insinuando que eu fiz ou que faria qualquer tentativa de seduzir seus filhos, isso é a coisa mais suja, mais baixa que já ouvi na vida.

A Sra. Kelly jogou a cabeça para trás como se tivesse levado um tapa na cara. A cor avermelhada desapareceu de seu rosto, ficando apenas duas manchinhas róseas nas bochechas. As duas mulheres entreolhavam-se duramente por sobre uma mesa coberta de amostras de perfume numa sala que cheirava ligeiramente a flores. Foram momentos, disse a Srta. Stansfield, que pareceram muito mais longos do que na verdade foram.

Então a Sra. Kelly abriu com um puxão uma das gavetas e tirou um cheque amarelo-claro. Preso a ele havia um papelzinho cor-de-rosa de rescisão de contrato de trabalho. Com os dentes à mostra, parecendo morder cada palavra, ela disse:

- Com centenas de moças decentes à procura de emprego nesta cidade, não acho que precisamos de uma vagabunda como você aqui, querida.

Ela me disse que foi o termo "querida", dito de forma arrogante, que fez com que sua raiva se transformasse numa súbita calma. No instante seguinte o queixo da Sra. Kelly caiu e seus olhos se esbugalharam quando a Srta. Stansfield, com as mãos tão fortemente entrelaçadas quanto os elos de uma corrente de aço, tão apertadas que ficaram com equimoses (já estavam desaparecendo, mas ainda perfeitamente visíveis quando estive com ela no dia 19 de setembro), começou a fazer a "locomotiva" por entre os dentes.

Talvez não fosse uma história engraçada, mas eu caí na gargalhada imaginando a cena e a Srta. Stansfield também. A Sra. Davidson veio dar uma olhada - para ver se não estávamos envoltos numa nuvem de gás hilariante - e depois saiu.

- Era a única coisa que eu podia fazer - disse a Srta. Stansfield, ainda rindo e enxugando os olhos com um lenço. - Porque naquele momento me vi varrendo aqueles frascos de perfume todos, sem exceção - de cima da mesa para o chão, que era de cimento. Eu não imaginei apenas, eu vi! V i os frascos se quebrarem no chão e encherem a sala com um fedor tão horrível de perfumes misturados que eles teriam que fazer uma fumigação, Eu ia fazer aquilo; nada iria me impedir. Então comecei afazer a "locomotiva" e tudo ficou bem. Pude pegar o cheque e o papelzinho cor-de-rosa, me levantar e sair. Não consegui agradecer a ela, é claro - eu ainda estava fazendo a "locomotiva".

Rimos outra vez, e então ela ficou séria.

- Agora que já passou, sinto até um pouco de pena dela - ou será que fica piegas dizer isso?

- Absolutamente. Acho que é admirável ser capaz de sentir isso.

- Posso lhe mostrar o que comprei com o dinheiro do aviso prévio, Dr. McCarron?

- Claro, se quiser.

Ela abriu a bolsa e tirou de dentro uma caixinha chata.

- Comprei numa casa de penhores - disse ela. - Por dois dólares. E foi a única vez nesse pesadelo todo que me senti envergonhada e sórdida. Não é estranho?

Ela abriu a caixa e colocou sobre a minha mesa para que eu pudesse ver. Não fiquei surpreso com o que vi. Era uma aliança de ouro.

- Farei o que for necessário - disse ela. - Vou continuar no lugar que a Sra. Kelly teria sem dúvida chamado de "pensão familiar". A minha senhoria tem sido gentil e amável... mas a Sra. Kelly também era gentil e amável. Acho que ela pode me pedir para sair a qualquer momento, e imagino que se eu disser qualquer coisa sobre meu saldo ou sobre o depósito para cobrir danos que fiz quando me mudei para lá, ela vai rir na minha cara.

- Minha querida jovem, isso é totalmente ilegal. Existem tribunais e advogados para ajudá-la a responder tais...

- Os tribunais são clubes masculinos - disse ela, com firmeza, - incapazes de se darem o trabalho de ajudar uma mulher na minha situação. Talvez eu conseguisse reaver meu dinheiro, talvez não. De qualquer maneira, a despesa e o aborrecimento dificilmente valeriam os quarenta e sete dólares. Não era minha intenção lhe contar isso. Ainda não aconteceu, e talvez não aconteça. Mas de qualquer modo, pretendo ser prática daqui para a frente.

Ela levantou a cabeça, e seus olhos brilharam para os meus.

- Tenho um lugar em vista no Village - só por garantia. Fica num terceiro andar, mas é limpo, e é cinco dólares a menos por mês do que onde estou agora. - Ela tirou a aliança da caixa. - Eu estava de aliança quando a senhoria me mostrou o quarto.

Ela colocou a aliança no dedo anular da mão esquerda e fez uma careta que acredito que não tenha se dado conta.

- Pronto. Agora sou a Sra. Stansfield. Meu marido era motorista de caminhão e morreu na estrada de Pittsburgh para Nova Iorque. Muito triste. Porém não sou mais uma prostituta de salto alto, e meu filho não é mais um bastardo.

Ela olhou para mim, e havia lágrimas em seus olhos outra vez. Enquanto eu a olhava, uma lágrima correu por sua face.

- Ora - disse eu, aflito, e alcancei sua mão do outro lado da mesa. Estava muito, muito fria. - Não fique assim.

Ela virou sua mão - era a esquerda - na minha mão e olhou para a aliança. Sorriu, e aquele sorriso era amargo como fel e vinagre, cavalheiros. Outra lágrima escorreu - e só

mais essa.

- Quando eu ouvir os céticos dizerem que a era das mágicas e dos milagres terminou, Dr. McCarron, saberei que estão enganados, não é? Quando se pode comprar uma aliança numa casa de penhores por dois dólares e essa aliança elimina tanto a bastardia quanto a licenciosidade, que outro nome o senhor daria a isso que não fosse mágica? Mágica barata.

- Srta. Stansfield... Sandra, se eu puder... se você precisar de ajuda, se houver alguma coisa que eu possa fazer...

Ela tirou sua mão das minhas - se eu tivesse pego sua mão direita em vez da esquerda, talvez ela não tivesse feito isso. Eu não a amava, já lhes disse, mas naquele momento eu poderia tê-la amado; eu estava a um passo de me apaixonar por ela.- Talvez se eu tivesse pego sua mão direita ao invés da que tinha a aliança, e se ela tivesse deixado que eu a segurasse um pouco mais, até que minha mão a esquentasse, talvez então eu tivesse me apaixonado.

- O senhor é um homem bom e gentil, e tem feito muito por mim e pelo meu bebê... e o seu Método Respiratório é uma mágica bem melhor do que esta aliança horrorosa. Afinal, o Método Respiratório evitou que eu fosse presa por destruição intencional, não é?

Ela se foi logo depois, e fui até a janela para vê-la descer a rua em direção à Quinta Avenida. Meu Deus, como admirei-a naquele momentos Era tão esguia, tão jovem e a gravidez era evidente mas não demonstrava qualquer timidez ou falta de segurança. Ela não andava às pressas; seguia como se tivesse todo o direito ao seu lugar na calçada.

Ela sumiu de vista e voltei para a minha mesa. Neste momento, meus olhos foram atraídos pela fotografia emoldurada que ficava na parede ao lado do meu diploma e senti um calafrio percorrer meu corpo. Minha pele - o corpo inteiro, até mesmo minha testa e o dorso das mãos - arrepiou-se toda. Um medo sufocante, o ma sor de toda a minha vida, cobriu-me como uma terrível mortalha, e senti falta de ar. Foi uma premonição, cavalheiros. Eu não discuto se esse tipo de coisa pode ou não acontecer; sei que pode, pois aconteceu comigo. Apenas uma vez, naquela tarde quente de setembro. Peço a Deus que não me aconteça mais isso.

A fotografia tinha sido tirada por minha mãe no dia em que terminei a faculdade. Eu estava em frente ao White Memorial, com as mãos para trás, rindo com todos os dentes como um guri que tivesse acabado de ganhar ingressos para um dia inteiro num parque de diversões. A minha esquerda pode-se ver a estátua de Harriet White, e embora a fotografia corte-a pelas canetas, o pedestal e aquela inscrição estranhamente cruel - Não há bem-estar sem dor, a salvação virá através do sofrimento - estavam bem nítidos. Foi no pé da estátua da primeira mulher do meu pai, bem debaixo daquela inscrição, que Sandra Stansfield morreu menos de quatro meses depois num acidente estúpido assim que chegou ao hospital para ter o bebê.

Ela mostrava-se um pouco preocupada naquele outono com a hipótese de eu não estar presente ao seu parto - que eu fosse passar as festas fora ou não estivesse disponível.

Estava meio temerosa de dar à luz com outro médico que não desse ouvidos à sua vontade de usar o Método Respiratório e lhe aplicasse um gás anestésico ou uma anestesia raquiana.

Eu disse a ela que não se preocupasse. Não tinha motivos para me ausentar da cidade, não tinha parentes para visitar nos feriados. Minha mãe tinha morrido dois anos antes, e eu não tinha mais ninguém além de uma tia solteirona na Califórnia... e eu não gostava de viajar de trem, disse eu à Srta. Stansfield.

- O senhor está sempre sozinho? - perguntou ela.

- As vezes. Geralmente estou ocupado demais. Tome isto aqui. - Anotei meu telefone de casa num cartão e dei a ela. - Se o serviço de recados atender quando seu trabalho de parto começar, telefone para cá.

- Não, eu não queria...

- Quer usar o Método Respiratório ou quer ficar nas mãos de um médico que pense que você ficou louca e faça você respirar éter assim que começar a fazer a "locomotiva"?

Ela deu um breve sorriso.

- Está bem. Já me convenceu.

Mas enquanto o outono avançava e os açougueiros da Terceira Avenida começaram a anunciar suas "carnes frescas e suculentas" a preços módicos, ficou claro que ela ainda não estava tranqüila. Tinha sido convidada a se mudar do lugar onde morava quando a conheci, e estava morando no Village. Mas isso, pelo menos, tinha sido muito bom para ela. Tinha até arranjado uma espécie de trabalho. Uma mulher cega com uma renda bem razoável a tinha contratado para fazer tarefas domésticas leves e ler para ela as obras de Gene Stratton e Pearl Buck. Morava no primeiro andar do prédio para onde a Srta. Stansfield se mudara. A Srta. Stansfield estava com aquela aparência viçosa que a maioria das mulheres saudáveis adquirem no último trimestre de gravidez. Mas havia uma sombra em seu rosto. Eu falava com ela e ela demorava a responder... e uma vez, quando não respondeu nada, tirei os olhos das anotações que estava fazendo e a vi olhando para a fotografia emoldurada ao lado do meu diploma com um olhar estranho e sonhador. Lembrei-me vivamente daquele calafrio... e a sua resposta, que não tinha nada a ver com a minha pergunta, não me deixou mais calmo.

- Tenho uma sensação, Dr. McCarron, às vezes uma sensação bem forte, de que estou condenada.

Que palavra boba e melodramática! E ainda assim, cavalheiros, a resposta que estava na ponta da minha língua era essa: É verdade, eu também tenho essa sensação. Mordi a língua, é claro; um médico que disser esse tipo de coisa deve vender imediatamente seus instrumentos e livros e virar carpinteiro ou bombeiro.

Eu lhe disse que ela não era a primeira grávida a sentir essas coisas, e não seria a última. Disse-lhe que essa sensação era sem dúvida tão comum que os médicos chamavam-na

de Síndrome do Vale das Sombras. Acho que já falei nisso hoje.

A Srta. Stansfield assentiu com seriedade, e me lembro como ela parecia jovem aquele d ia e como parecia grande sua barriga.

- Eu sei disso - disse ela. - Eu senti. Mas é bem diferente dessa outra sensação. Essa outra sensação é como... é como um vulto se agigantando. Não sei explicar melhor que isso. É bobagem, mas não consigo tirar da cabeça.

- Deve tentar- disse eu. - Não é bom para o...

Mas ela não estava mais prestando atenção em mim. Estava olhando para a fotografia outra vez.

- Quem é?

- Emlyn McCarron - disse eu, tentando fazer uma brincadeira; pareceu bastante medíocre. - Antes da Guerra Civil, quando ele era bem jovem.

- Não, eu reconheci o senhor, sem dúvida nenhuma - disse ela. - A mulher. Só se nota que é uma mulher pela barra da saia e pelo sapato. Quem é ela?

- O nome dela é Harriet White - disse eu, e pensei: e será ela a primeira coisa que você verá quando for ter o bebê. O calafrio voltou - aquele calafrio desagradável, indescritível. Sua cara de pedra.

- E o que é que está escrito na base da estátua? - perguntou ela, seu olhar ainda sonhador, quase hipnótico.

- Não sei - menti. - Meu latim não dá para tanto.

Naquela noite tive o pior pesadelo de toda a minha vida acordei aterrorizado, e se eu fosse casado, creio que teria matado minha pobre mulher de susto.

No sonho eu abri a porta do meu consultório e encontrei Sandra Stansfield lá. Ela estava com os escarpins marrons, o elegante vestido de linho branco com debrum marrom e com o chapéu ligeiramente fora de moda. Mas o chapéu estava entre os seus seios, porque ela estava segurando sua cabeça nos braços. O vestido branco estava cheio de manchas de sangue. O sangue jorrava do seu pescoço e salpicava o teto.

E então seus olhos se abriram - aqueles lindos olhos de avelã - e fitaram os meus.

- Condenada - disse-me aquela cabeça falante. - Condenada. Estou condenada. Não há bem-estar sem dor. É uma mágica vulgar, mas é tudo que temos.

Foi quando acordei aos gritos.

A data provável do parto, 10 de dezembro, passou em branco. Examinei-a no dia 17 de dezembro e disse-lhe que, já que era quase certo que o bebê nascesse em 1935, eu não

esperava que ele viesse ao mundo até depois do Natal. A Srta. Stansfield aceitou minha opinião de bom grado. Parecia haver se livrado da expressão sombria que tomara conta dela durante o outono. A Sra. Gibbs, a mulher cega que a contratara para ler em voz alta e fazer tarefas domésticas leves, estava impressionada com ela - impressionada a ponto de comentar com as amigas sobre a corajosa e jovem viúva que, apesar da sua recente viuvez e da situação delicada em que se encontrava, encarava o futuro com muita determinação e ânimo. Várias amigas da senhora cega manifestaram interesse em contratá-la após o nascimento do bebê.

- Eu também vou precisar delas - disse-me. - Para cuidar do bebê. Mas só até eu me recuperar a achar um emprego fixo. As vezes penso que o pior disso tudo - de tudo o que aconteceu - é que mudou o modo de eu ver as pessoas. As vezes penso comigo: "Como é que você consegue dormir, sabendo que enganou aquela velhinha simpática?" e então digo: "Se ela soubesse, mostraria o caminho da rua para você, como qualquer outra pessoa." De qualquer maneira é uma mentira, e às vezes sinto um peso na consciência.

Antes de ir-se embora aquele dia, tirou da bolsa um pequeno embrulho de papel colorido e empurrou-o timidamente sobre a mesa para mim.

- Feliz Natal, Dr. McCarron.

- Você não devia se preocupar - disse eu, abrindo uma gaveta e tirando outro embrulho. - Mas já que eu também...

Ela me olhou surpresa por alguns instantes... e começamos a rir. Ela havia me dado um prendedor de gravata prateado com um caduceu. Eu tinha comprado para ela um álbum para guardar as fotografias do bebê. Eu ainda tenho o prendedor de gravata; como vocês podem ver, estou usando-o esta noite. O que aconteceu com o álbum, não posso dizer.

Levei-a até a porta, e quando nos aproximamos, ela virou-se para mim, pôs as mãos nos meus ombros, ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na boca. Seus lábios estava frios e rijos. Não foi um beijo apaixonado, cavalheiros, mas também não foi um beijo que se espera receber de uma irmã ou uma tia.

- Obrigada mais uma vez, Dr. McCarron - disse ela, um pouco ofegante. Estava com as faces coradas e seus olhos de avelã brilhavam intensamente. - Obrigada por tudo.

Eu ri - um pouco sem jeito.

- Você fala como se não fôssemos nos ver mais, Sandra. Acredito que esta tenha sido a segunda e última vez que a chamei pelo nome.

- Nós nos veremos - disse ela. - Não tenho a menor dúvida.

E ela estava certa - embora nenhum de nós pudesse prever as terríveis circunstâncias do nosso último encontro.

Sandra Stansfield entrou em trabalho de parto na véspera de Natal, logo depois das seis

da tarde. Aquela hora, a neve que vinha caindo o dia todo tinha virado granizo. E quando a Srta. Stansfield já estava na fase de dilatação, umas duas horas depois, as ruas estavam cobertas por uma perigosa camada de gelo.

A Sra. Gibbs, a mulher cega, tinha um espaçoso e amplo apartamento térreo, e às 18:30h a Srta. Stansfield desceu cuidadosamente as escadas, bateu à sua porta, entrou e pediu para telefonar a fim de chamar um táxi.

- É o bebê, querida? - perguntou a Sra. Gibbs, aparentando nervosismo.

- É. O trabalho de parto começou há pouco, mas não posso confiar no tempo. O táxi vai levar um bom tempo para chegar.

Ela deu esse telefonema e depois ligou para mim. Aquela hora, 18:40h, o intervalo das contrações era de 25 minutos. Ela me disse que tinha começado a tomar as providências cedo por causa do mau tempo.

- Não quero ter meu filho no banco de trás de um táxi disse ela. Parecia extraordinariamente calma.

O táxi se atrasou e o trabalho de parto da Srta. Stansfield estava indo mais rápido do que eu teria previsto - mas como eu já disse, não há dois trabalhos de parto iguais. O motorista, vendo que sua passageira estava prestes a dar à luz, ajudou-a a descer os degraus escorregadios, recomendando-lhe insistentemente "tome cuidado, dona". A Srta. Stansfield apenas balançava a cabeça afirmativamente, preocupada com a respiração profunda quando vinha uma nova contração. O granizo batia nas luminárias dos postes e na capota dos carros; derretia em grandes gotas sobre o letreiro luminoso na capota do táxi. A Sra. Gibbs me contou depois que o jovem motorista estava mais nervoso do que ela, "pobre Sandra querida", e provavelmente isso tenha contribuído para o acidente.

Outro motivo quase certo foi o Método Respiratório.

O motorista seguia seu caminho pelas ruas escorregadias, passando devagar pelos limpa-trilhos e avançando com cuidado nos cruzamentos, aproximando-se lentamente do hospital. Ele não se machucou seriamente no acidente, e conversei com ele no hospital. Disse-me que o barulho da forte respiração que vinha do banco de trás deixara-o nervoso; ficava olhando o tempo todo pelo retrovisor para ver se ela estava "morrendo ou coisa parecida". Disse que teria ficado menos nervoso se ela tivesse dado alguns gritos saudáveis, como costuma fazer uma mulher em trabalho de parto. Perguntou a ela uma ou duas vezes se estava se sentindo bem e ela apenas fez que sim com a cabeça, continuando a "cavalgar as ondas" em largas inspirações e expirações.

A dois ou três quarteirões do hospital ele deve ter sentido o início do estágio final. Havia se passado uma hora desde que ela entrara no táxi - o trânsito estava congestionado - mas ainda assim foi um trabalho de parto extraordinariamente rápido para uma primípara. O motorista notou a mudança no modo dela respirar.

- Ela começo a arfar como um cachorro num dia de verão, doutor - me disse ele. Ela

tinha começado a fazer a "locomotiva".

Quase no mesmo instante o motorista viu uma brecha no meio do trânsito e se aproveitou. Agora o caminho até o White Memorial estava livre. Faltavam menos de três quarteirões.

- Já dava para ver a estátua daquela mulherzinha - disse ele. Na ânsia de se livrar da grávida ofegante, pisou fundo no acelerador outra vez e o carro lançou-se para frente, com as rodas deslizando sobre o gelo com pouca ou nenhuma tração.

Fui a pé para o hospital, e a minha chegada só coincidiu com a do táxi porque não calculara o quanto tinham piorado as condições do trânsito. Eu acreditava que fosse encontrá-la lá em cima, internada, com todos os papéis assinados, toda preparada, em adiantado trabalho de parto. Estava subindo a escadaria quando vi dois pares de faróis aproximarem-se um do outro refletidos no chão coberto de gelo que ainda não tinha levado uma camada de carvão. Eu me virei a tempo de ver o que aconteceu.

Uma ambulância estava saindo da rampa da ala de emergência na hora em que o táxi da Srta. Stansfield chegava ao hospital. O táxi vinha depressa demais para poder parar. O motorista se assustou e pisou forte no freio ao invés de bombeá-lo. O táxi deslizou e começou a virar de lado. A luz intermitente da capota da ambulância emitia raios e manchas cor de sangue sobre a cena, e um desses raios iluminou rapidamente o rosto de Sandra Stansfield. O que vi naquela fração de segundo foi o rosto que tinha visto em meu pesadelo, o mesmo rosto ensangüentado de olhos arregalados que vira em sua cabeça decepada.

Gritei por ela, desci os degraus, escorreguei e caí estatelado. Bati com o cotovelo no chão com muita força, mas não larguei minha maleta preta. Vi o resto do que aconteceu de onde estava, com a cabeça levantada e o cotovelo doendo.

A ambulância freou e também se pôs a derrapar. A traseira bateu na base da estátua. As portas traseiras se abriram. Uma maca, graças a Deus vazia, foi expelida, quebrando-se toda rua abaixo com as rodas para cima. Uma jovem que estava na calçada gritou, e tentou correr quando os dois veículos se chocaram. Seus pés resvalaram após duas passadas e ela caiu de barriga. A bolsa voou de sua mão e bateu com força no chão gelado.

O táxi continuava a derrapar, agora de marcha à ré, e pude ver nitidamente o motorista. Ele girava o volante furiosamente, como uma criança num carrinho de parque de diversões. A ambulância ricocheteou numa quina da estátua de Harriet White... e bateu de lado no táxi. Este rodopiou uma vez e chocou-se com toda a força na base da estátua. O letreiro luminoso amarelo, onde piscava a palavra OCUPADO, explodiu como uma bomba. O lado esquerdo do táxi amassou como papel. Um instante depois vi que não fora apenas o lado esquerdo; o táxi tinha batido numa quina do pedestal com tanta força que quebrou-se ao meio. Cacos de vidro se espalharam pelo gelo como diamantes. E a minha paciente foi atirada para fora pela janela traseira direita do carro destroçado como uma boneca de pano.

Quando dei por mim, estava de pé novamente. Desci correndo os degraus gelados,

escorreguei de novo, segurei no corrimão e continuei. Eu só estava preocupado com a Srta. Stansfield estirada à sombra daquela hedionda estátua de Harriet White, a uns seis metros de onde a ambulância jazia de lado, com as luzes ainda riscando a noite de vermelho. Havia alguma coisa muito estranha com aquele vulto, mas honestamente não acredito que eu soubesse o que era até que meu pé chutou algo tão pesado que quase me derrubou outra vez. A coisa que chutei saiu rolando - como a bolsa da jovem, deslizou mais do que rolou. Saiu rolando, e só quando vi cabelo caindo - empapado de sangue, mas mesmo assim via-se que era louro, salpicado de cacos de vidro - que percebi o que era aquilo. A Srta. Stansfield tinha sido decapitada no acidente. Aquilo que eu tinha chutado em direção à sarjeta gelada era a cabeça dela.

Completamente atordoado, aproximei-me do seu corpo e virei-o. Acho que tentei gritar ao fazer isso, assim que olhei. Se tentei, não consegui; não consegui emitir um som sequer. A mulher ainda respirava, cavalheiros. Seu peito subia e descia numa respiração curta. Havia pedaços de gelo sobre seu casaco aberto e seu vestido empapado de sangue. E eu podia ouvir um som alto e sibilante. Aumentava e diminuía como uma chaleira prestes a ferver. Era o ar sendo sugado para dentro de sua traquéia decepada e depois expelido; silvos breves de ar através das cordas vocais expostas que não tinham mais uma boca para dar forma aos sons.

Eu quis correr mas não tive forças; caí de joelhos ao seu lado sobre o gelo, com uma das mãos sobre a boca. Percebi que escorria sangue da parte de baixo do seu vestido... e que alguma coisa se mexia. De repente tive certeza de que ainda havia uma chance de salvar o bebê.

Acho que quando levantei seu vestido até a cintura comecei a rir. Acredito que estivesse louco. Seu corpo ainda estava quente.

Lembro-me bem disso. Lembro-me de como arquejava com sua respiração. Um dos enfermeiros da ambulância se aproximou, cambaleando qual um bêbado, com uma das mãos espalmada de um lado da cabeça. Escorria sangue dos seus dedos.

Eu ainda estava rindo e tateando. Constatei com os dedos que o colo do seu útero estava totalmente dilatado.

O enfermeiro olhou fixamente para o corpo acéfalo de Sandra com os olhos arregalados. Não sei se percebeu que o corpo ainda respirava. Talvez tenha pensado que fosse simplesmente um reflexo nervoso - uma espécie de reflexo final. Se achou que fosse isso, não poderia ter muita experiência. As galinhas podem, por algum tempo, continuar a andar depois de serem degoladas, mas as pessoas só têm um ou dois espasmos... se tanto.

- Pare de olhar para ela e traga um cobertor - disse eu, rispidamente.

Ele saiu andando, mas não em direção à ambulância. Estava indo mais ou menos em direção à Times Square. Simplesmente saiu andando pela noite gelada. Não tenho idéia do que aconteceu com ele. Virei-me novamente para a mulher morta que de alguma maneira não estava morta, hesitei por um instante, e então tirei meu sobretudo. Levantei seus quadris para colocá-lo debaixo dela. Ainda ouvia aquela respiração sibilante

enquanto seu corpo acéfalo fazia a "locomotiva". As vezes ainda consigo escutar, cavalheiros. Nos meus sonhos.

Quero que entendam que tudo isso aconteceu num espaço de tempo muito curto - pareceu mais longo para mim, mas só porque minha percepção estava extremamente aguçada. Do hospital começavam a sair pessoas para ver o que estava acontecendo, e atrás de mim uma mulher deu um grito estridente ao ver a cabeça decepada na sarjeta.

Abri minha maleta preta e dei graças a Deus por não tê-la perdido na queda, e retirei um bisturi pequeno. Abri o bisturi, cortei sua roupa de baixo e tirei-a. Neste momento, o motorista da ambulância se aproximou - chegou a uns cinco metros e se deteve paralisado. Olhei para ele, ainda pensando no cobertor. Vi que não poderia contar com ele; estava olhando fixo para o corpo arquejante, os olhos tão arregalados que parecia que iam pular das órbitas e ficar pendurados nos nervos óticos como dois ioiôs. Então caiu de joelhos e ergueu as mãos postas. Queria rezar, tenho certeza disso.

O enfermeiro pode não ter se dado conta de que estivera presenciando uma impossibilidade, mas este sujeito sim. A seguir caiu desmaiado.

Eu tinha colocado fórceps na minha maleta aquela noite; não sei por quê. Havia três anos que eu não usava isso, desde que vira um médico, que não direi o nome, enfiar esse troço infernal no crânio de um recém-nascido. O bebê teve morte instantânea. O corpo da criança foi "extraviado" e na certidão de óbito escreveram natimorto.

Mas por alguma razão eu tinha trazido o meu naquela noite.

O corpo da Srta. Stamfield esticou-se, a barriga se contraiu e ficou dura como pedra. E o bebê coroou. Vi sua cabeça apenas por um momento, ensangüentada, coberta por uma membrana e pulsando. Pulsando. Estava vivo, afinal. Sem dúvida nenhuma.

Sua barriga amoleceu outra vez. A cabeça do bebê voltou para dentro. E uma voz atrás de mim disse:

- O que posso fazer, doutor?

Era uma enfermeira de meia-idade, o tipo de mulher que em geral é a espinha dorsal da nossa profissão. Ela estava tão branca quanto leite, e embora sua expressão fosse de terror e de medo supersticioso ao ver aquele corpo que respirava misteriosamente, não estava paralisada pelo choque que a tornaria uma ajudante difícil e perigosa.

- Pode me arrumar um cobertor, enfermeira? - disse eu, secamente. - Ainda temos uma chance, eu acho.

Atrás dela, vi pelo menos umas vinte e cinco pessoas do hospital na escada, sem quererem se aproximar. O que será que elas conseguiam ver? Não sei ao certo. Tudo o que sei é que me evitaram durante alguns dias (e algumas para sempre), e ninguém, inclusive essa enfermeira, jamais tocou no assunto comigo.

Ela então virou-se e seguiu em direção ao hospital.

- Enfermeira! - gritei. - Não há tempo. Pegue um na ambulância. O bebê vai nascer agora.

Ela foi para o outro lado, escorregando sobre a neve semi-derretida com seu sapato de sola de crepe. Voltei-me para a Srta. Stansfield.

Ao invés de diminuir, a respiração tinha começado a aumentar de ritmo... e então seu corpo ficou rígido e contraído outra vez. O bebê coroou novamente. Eu esperava que fosse entrar de novo, mas isso não aconteceu; simplesmente continuou a sair. Não seria necessário usar o fórceps, afinal. O bebê escorregou para as minhas mãos. Vi a neve caindo sobre seu corpo nu e ensangüentado - era um menino, sem dúvida. Vi o vapor subindo de seu corpo enquanto a noite gélida e negra consumia o calor do corpo de sua mãe. Seus punhos cobertos de sangue se agitaram debilmente; soltou um choro fraco.

- Enfermeira! - gritei. - Mexa-se, sua vagabunda!

Creio que usei uma linguagem imperdoável, mas de repente foi como se eu estivesse na França e em poucos instantes fosse começar a ouvir as bombas caírem fazendo aquele barulho cruel; as metralhadoras começariam a espocar; os alemães começariam a surgir da escuridão, correndo, gritando e morrendo na lama e na fumaça. Mágica vulgar, pensei, vendo os corpos se contorcerem, darem uma volta e caírem. Mas você tem razão, Sandra, é tudo o que temos. Foi quando cheguei mais próximo da loucura, cavalheiros.

- ENFERMEIRA, PELO AMOR DE DEUS!

O bebê chorou outra vez - quase não dava para ouvir! - e então não chorou mais. O vapor que seu corpo quente provocava tinha diminuído bastante. Coloquei minha boca em seu rosto, cheirando a sangue e a placenta. Soprei em sua boca e ouvi o sussurro espasmódico da sua respiração voltar. A enfermeira se aproximou com o cobertor nos braços. Estendi minha mão para pegá-lo.

Ela fez que ia me entregar o cobertor, mas logo puxou-o de volta.

- Doutor, e se... e se for um monstro? Alguma espécie de monstro?

- Me dá esse cobertor - disse eu. - Me dá isso já, sargento, antes que eu dê um pontapé na sua bunda.

- Pronto, doutor - disse ela, absolutamente calma (devemos louvar as mulheres, companheiros, que com freqüência entendem sem tentar), e me entregou o cobertor. Embrulhei o bebê e entreguei-o a ela.

- Se deixar cair, vai engolir o seu boné.

- Sim, doutor.

- É uma mágica vulgar de merda, sargento, mas é tudo o que Deus nos deu.

- Sim, doutor.

Observei-a seguir quase correndo com o bebê para o hospital, e vi a multidão na escada abrir caminho para ela passar. Fiquei de pé e me afastei um pouco do corpo. A respiração, como a do bebê, parava e voltava... parava... voltava de novo... parava...

Dei uns passos para trás. Alguma coisa bateu no meu pé. Era a cabeça dela. E obedecendo alguma ordem externa, ajoelhei-me e virei a cabeça para cima. Os olhos estavam abertos - aqueles olhos penetrantes de avelã que sempre foram cheios de vida e determinação. Ainda estavam cheios de determinação. Ela estava me vendo, cavalheiros.

Seus dentes estavam cerrados, os lábios levemente entreabertos. Ouvi o ar entrar e sair rapidamente daqueles lábios e entre os dentes enquanto ela fazia a "locomotiva". Seus olhos se mexeram. Viraram ligeiramente para a esquerda para me verem melhor. Seus lábios se abriram. Disseram três palavras: *Obrigada, Dr. McCarron*. E eu ouvi essas palavras, cavalheiro, mas não de sua boca. O som vinha de uns seis metros de distância. Das suas cordas vocais. E porque sua língua, seus lábios e seus dentes, aquilo que dá forma aos sons, estavam ali, as palavras saíram em modulações amorfas de som. Mas foram nove modulações, nove sons distintos, assim com há nove sílabas nessa frase, *Obrigada, Dr. McCarron.*

- Não há de quê, Srta. Stansfield - disse eu. - É um menino.

Seus lábios se abriram outra vez, e de trás de mim ouvi um som fraco e fantasmagórico: meninooo...

Seus olhos perderam o brilho e a determinação. Pareciam olhar para alguma coisa atrás de mim, talvez naquele céu negro pontilhado de gelo. Então se fecharam. Ela começou a fazer a "locomtiva" outra vez... e de repente parou. O que quer que acontecera havia agora terminado. A enfermeira tinha presenciado alguma coisa, o motorista da ambulância também, antes de desmaiar, e alguns dos circunstantes talvez tivessem percebido alguma coisa. Mas agora estava tudo acabado, completamente acabado. Havia apenas sinais de um horrível acidente lá fora... e um bebê lá dentro.

Olhei para a estátua de Harriet White e lá estava ela, com seu olhar impiedoso em direção do jardim do outro lado da rua, como se nada de extraordinário tivesse acontecido, com se tal determinação não significasse nada num mundo tão frio e insensível quanto este... ou pior ainda, que fosse talvez a única coisa que não significasse nada, a única coisa que não fizesse a menor diferença.

Pelo que me lembro, ajoelhei-me na neve molhada diante de sua cabeça decepada e comecei a chorar. Pelo que me lembro, eu ainda estava chorando quando um interno e duas enfermeiras me ajudaram a ficar de pé e me levaram para dentro.

O cachimbo de McCarron tinha se apagado.

Ele reacendeu-o com seu isqueiro; nós estávamos em silêncio, com a respiração presa.

Lá fora o vento uivava e gemia. Ele fechou o isqueiro e levantou os olhos. Pareceu um pouco surpreso ao ver que ainda estávamos lá.

- Isso é tudo - disse ele. - É o fim! O que estão esperando? Carruagens de fogo? - disse, bufando; depois pareceu refletir por um instante. - Paguei seu enterro do meu próprio bolso. Ela não tinha mais ninguém. - Ele sorriu de leve. - Bem... havia Ella Davidson, minha enfermeira. Insistiu em dividir vinte e cinco dólares, que ela mal tinha para dar. Mas quando Ella punha alguma coisa na cabeça... - Ele deu de ombros, e depois riu um pouco.

- Tem certeza absoluta de que não foi um reflexo? - perguntei de repente. - Tem certeza absoluta...

- Absoluta - respondeu McCarron, imperturbável. - A primeira contração, talvez. Mas o resto do seu trabalho de parto não foi uma questão de segundos e sim de minutos. E às vezes acho que ela poderia ter continuado por mais tempo, se tivesse sido necessário. Graças a Deus não foi.

- E o bebê? - perguntou Johanssen.

McCarron deu uma baforada no cachimbo.

- Foi adotado - disse ele. - E vocês sabem que, mesmo naquela época, os documentos de adoção eram cercados com o máximo de sigilo.

- Está certo, mas e o bebê? - insistiu Johanssen, e McCarron riu contrariado.

- Você não deixa escapar nada, não é? - perguntou a Johanssen.

Johanssen balançou a cabeça.

- Algumas pessoas aprendem às custas de sua dor. E o bebê?

- Bom, se você acompanhou a história com tanto interesse, talvez também entenda que eu também tivesse um certo interesse em saber o destino dessa criança. Eu me mantive informado, e ainda me mantenho. Havia um casal jovem - cujo sobrenome não era Harrison, mas era bem parecido. Moravam no Maine. Não podiam ter filhos. Adotaram a criança e lhe deram o nome de... que tal John? John serve, não é, companheiros?

Ele deu uma baforada no cachimbo, mas este tinha se apagado novamente. Percebi que Stevens se movimentava atrás de mim, e eu sabia que nossos sobretudos estariam à nossa espera em algum lugar. Logo estaríamos dentro deles... e de volta às nossas vidas. Como disse McCarron, basta de histórias por este ano.

- A criança que ajudei a nascer naquela noite hoje é chefe do Departamento de Língua Inglesa de uma das duas ou três faculdades particulares mais respeitadas do país - disse McCarron. - Ainda não completou quarenta e cinco anos. E jovem. Ainda é cedo para ele, mas chegará o dia em que será o diretor daquela faculdade. Não duvido nem um pouco. É elegante, inteligente e encantador.

- Certa vez, sob um pretexto qualquer, jantei com ele no clube fechado da universidade. Éramos quatro naquela norte. Falei pouco, por isso pude observá-lo. Ele tem a determinação de sua mãe, companheiros... e seus olhos de avelã.

III

O Clube

Stevens nos acompanhou até a porta como sempre, entregando casacões, desejando o melhor dos Natais e agradecendo nossa generosidade. Deixei para sair por último, e Stevens não se mostrou surpreso quando eu disse:

- Eu gostaria de fazer uma pergunta, se não se importa.

Ele sorriu de leve.

- Acho que deve fazê-la - disse ele. - O Natal é uma ótima ocasião para perguntas.

Em algum lugar do corredor à nossa esquerda - um corredor pelo qual eu jamais passara - um relógio de carrilhão tiquetaqueava alto, o som do tempo passando. Eu sentia o cheiro de couro velho e madeira encerada e, bem mais fraco que esses dois, o cheiro da loção após barba de Stevens.

- Mas devo adverti-lo - acrescentou Stevens, na hora em que o vento soprou forte lá fora - que é melhor não perguntar demais se quiser continuar a vir aqui.

- Já houve gente barrada por querer saber demais? - Barrada não era exatamente o termo que eu queria, mas foi o melhor que encontrei.

- Não - disse Stevens, com a voz baixa e educada de sempre. - As pessoas simplesmente preferem se afastar.

Encarei-o de volta, sentindo um frio na espinha - foi como se uma enorme mão invisível e gelada tivesse encostado nas minhas costas. Lembrei-me daquele barulho surdo que veio do andar de cima certa noite e tive vontade de saber (como já tivera outras vezes) quantos cômodos havia realmente lá.

- Se ainda quer perguntar alguma coisa, Sr. Adley, talvez fosse melhor perguntar logo. Já é tarde...

- E você ainda vai enfrentar um longo percurso de trem, não é? - perguntei, mas Stevens permaneceu impassível. - Está bem disse eu. - Existem livros nessa biblioteca que não consigo encontrar em lugar nenhum - nem na Biblioteca Pública de Nova Iorque, nem nos catálogos dos antiquários de livros a quem perguntei, tampouco no Livros Impressos. A mesa de bilhar da saleta é da marca Nord. Como eu nunca tivesse ouvido

falar nessa marca, telefonei para a Comissão Internacional de Marcas e Patentes. Existem duas marcas Nord registradas - uma que fabrica esquis de cross-country, e a outra, acessórios de madeira para cozinha. A vitrola automática do salão é da marca Seafront. A CA.M.P. tem registrada a marca Seeburg, mas não tem Seafront.

- Qual é a sua pergunta, Sr. Adley?

Seu tom de voz era suave como sempre, mas havia em seu olhar qualquer coisa assustadora... não; para falar a verdade, não era só em seu olhar; o medo que senti estava ao meu redor. O tique-taque monótono que vinha do corredor à esquerda não era mais do pêndulo de um carrilhão; eram os passos de um algoz acompanhando o condenado ao cadafalso. Os aromas de couro e cera tornaram-se acres e ameaçadores, e quando o vento deu outra rajada, tive a certeza de que a porta da frente se abriria com força, descortinando não a Rua 35, e sim uma paisagem irreal com silhuetas pungentes de árvores retorcidas num horizonte estéril sob o qual dois sóis se punham, deixando um clarão vermelho horrendo.

Ele sabia o que eu queria perguntar; pude ver em seus olhos cinzentos.

De onde vêm todas essas coisas?, eu queria saber. Ora, sei muito bem de onde você vem, Stevens; esse sotaque não é da Dimensão X, é do Brooklyn. Mas para onde você vai? De onde vêm esse olhar e essa expressão atemporais? E, Stevens ...

... onde estamos NESTE EXATO MOMENTO?

Mas ele estava esperando pela minha pergunta.

Abri a boca. E a pergunta que saiu foi:

- Existem muito mais cômodos lá em cima?

- Existem sim, senhor - disse ele, sem deixar de me encarar. - Muitos mesmo. Dá para uma pessoa se perder. Na verdade, algumas pessoas já se perderam. Às vezes tenho a impressão que eles se estendem por quilômetros. Cômodos e corredores.

- Com entradas e saídas?

Suas sobrancelhas se ergueram ligeiramente.

- Mas, claro. Com entradas e saídas.

Ele esperou, mas eu já perguntara o bastante, pensei - tinha chegado à beira de alguma coisa que talvez me levasse à loucura.

- Obrigado, Stevens.

- Não há de quê, Sr. Adley.

Estendeu-me meu casacão e me enfiei nele.

- Haverá mais histórias?

- Aqui há sempre mais histórias, Sr. Adley.

Essa noite já faz algum tempo, e minha memória não melhorou desde então (quando um homem chega à minha idade é muito mais provável que ocorra justamente o contrário), mas me lembro claramente do arrepio de medo que percorreu meu corpo quando Stevens abriu a porta de carvalho - a certeza crua de que eu veria aquela paisagem estranha desmembrada e infernal à luz cor de sangue dos dois sóis, que após se porem trariam uma escuridão atroz durante uma hora, ou dez horas, ou dez mil anos. Não consigo explicar, mas garanto que esse mundo existe - tenho tanta certeza disso quanto Emlyn McCarron tinha de que a cabeça decepada de Sandra Stansfield ainda respirava. Pensei naquele segundo interminável que a porta se abriria e Stevens me empurraria para dentro daquele mundo e eu ouviria então aquela porta bater atrás de mim... para sempre.

Ao invés disso, vi a Rua 35 e um radio-táxi encostado no meio-fio, soltando fumaça pelo cano de descarga. Senti um alívio extremo, quase desfalecente.

- Sempre há mais histórias - repetiu Stevens. - Boa noite, Sr. Adley.

Sempre mais histórias.

De fato houve. E, quem sabe, conto outra qualquer dia desses.

* * *